

BRASIL-PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1902

N.º 78

As Irmãs das pobres

Das instituições de caridade que por ali existem, das mais sympathicas, das mais commovedoras, das mais dignas de respeito, é, sem duvida, a das *Irmãs das pobres*; é essa casa que a generosidade dos que toem fortuna e tem coração permittiu ser construida lá no alto de Campolide, para dar agasalho e conforto e protecção e carinho aos velhinhos pobres, aos velhinhos doentes.

Como elles viveriam a vida dos seus ultimos dias no abandono e na miseria, se não fosse esse grupo de mulheres, algumas d'ellas tão novas, esquecidas da sua propria mocidade, que vive unicamente para dar aos seus protegidos, em compensação das alegrias que perderam com a idade e com a doença, as alegrias do bem estar, a cama sempre limpa, o remedio sempre a tempo, o caldo sempre quente.

E é ver com elles estão contentes, trémulos, tropegos, encostados uns aos

braços das suas beneficentoras, outros nas suas cadeirinhas de rodas, os menos atacados apoiando-se nas suas tôcas bengalás, todos elles com o seu fatinho cautelosamente remendado, passeando na horta florida que elles vão ajudando a cultivar, sentados nos seus refeitórios, onde o menu modesto tem o aroma delicado de uma cozinha bem tratada, recolhidos nas suas camaratas, banhadas de luz, de largas janellas por onde o sol entra a rir, logo que elles acordam dos seus sonhos de velhinhos.

Ao visitar-se aquelle verdadeiro templo do amor santificado, não se tem a impressão de tristeza, de dôr, de compaixão, olhando para aquellas cabezinhas brancas, curvando os labios de cada um as vozes a sumirem-se, contando-nos os dias que alli passam, affastados do mundo, do bulicio das ambições, das luctas dos que soffrem, dos gozos dos que triumpham.

Temos, ao contrario, a doce commoção de ver como se pôde realizar alegria para quem é velho e pobre, como estas duas grandes maguas se podem transformar n'uma grande felicidade.

Estão ali os dois sexos; d'um lado vivem elles, do outro vivem ellas. Quando a mocidade passa radiante de formosura, cantando seus hymnos loucos, coroada de risos e de beijos, pensa, talvez, que uns e outros foram sempre assim, velhinhos, muito velhinhos, pois que, quando se é novo, não se sabe ou não se pensa no que nos tras o futuro, no que tras a vida. E, entretanto, quantas aventuras galantes, quantos dias de amor, quantas torturas de ciúme contra ellas, por vezes, ao recordar o tempo que vai longe, remidos alli sob alguma acacia em flor, fumando o seu cigarro, o unico vicio de que ainda conservam alguns restos.

Pelas ruas da cidade vemos todos os dias caminharem duas a duas, espalhando-se por diversos bairros, as



O asylo dos velhos em Campolide

A fachada do edificio

Este edificio foi construido parte com o producto das esmolas angritadas já no país, outra parte com captaes da instituição, mandados do estrangeiro. Durante a sua construção houve donativos importantes e hoje o asylo, que abriga 150 velhinhos e 150 velhinas, é custeado absolutamente com dinheiro portuguez, esmolado dia a dia pela capital. A administração interna é um verdadeiro modelo. Os serviços dividem-se com regularidade por todas as Irmãs das pobres, que são, umas enfermeiras, outras fazem as camas, tratam do jardim, põem a mesa, são, n'uma palavra, a um tempo dispensaciras, guarda-livros, andadores, mestras, e sempre com um sorriso bondoso a posar-lhes nos labios e que lhes dá um aspecto muito diverso do que tem as outras irmãs da caridade, porque é muito mais humano. Na mesa visita fomos acompanhados por duas d'estas senhoras, uma egiziana, outra franceza, com uma gentileza incomparavel, que após muito lhe agradecerem em nome das Irmãs do Brasil-Portugal, as graças tem hoje eujo de conhecer, graças á objectiva de Arnaldo de Fonseca, as varias dependencias do Asylo das Irmãs das pobres.

boas irmãs, a buscarem as esmolas para aquelles que, se ellas os não cuidassem, viveriam sem dedicações nem confortos. E aqui lhe dão bocados de pão para fazerem a sopa, ali um braço de hortaliças, estas uma moeda de cobre, aquelles umas roupinhas usadas, e tudo ellas aceitam e tudo ellas agradecem, que cousa alguma será desperdiçada naquellas mãos bondosas. Conforme é a colheita, conforma é o banquete, o café da manhã e o cháinho das Ave-Marias.

Ha em Paris, em alguns pontos da cidade, postas nas esquinas, umas caixas de madeira, onde em letreiro bem visível se pede a quem passa que lance ali o seu jornal, quando o tiver já lido, a fim de servir depois de leitura aos doentes pobres dos hospitaes.

E as caixas estão sempre cheias, que é preferivel a esmola a tornar inutil a folha que se leu.

Poder-se-lia applicar, talvez, a moda cá na terra, e os nossos velhinhos, se fossem contemplados tambem, poderiam ir sabendo, dia a dia, o que vai por este mundo, o mundo onde elles viveram, onde riram, quando riram, e onde choraram sem duvida.

No dia de S. José ha sempre festa na casa dos velhinhos. Parece um dia de annos festejado em familia. Ha galas n'esse dia, visitas que se adornam com requintes de côres de primavera para ir saudar os pobres. A meza é lauta então, ha vinho nos copos, doces nas procelanas

— Arrufam-se tantas vezes...
— Não ha duvida, senhor melro, o amor foi sempre assim.
— Deixe-os lá á vontade... A regra do hospicio permite que se fallem... E elles estão tão velhinhos!

C. DE MOURA CABRAL.

Jornada setima ⁽¹⁾

A' Sr.ª Duquesa d'Uzès

— Eu não tenho o direito de dizer isso, gritou Jean Bern, — Não? — Madame Aubray levantou-se, e olhar brilhante, o peito agitado, como n'uma convulsão nervosa.

Não! disse Jean Bern, porque não aceito o feminismo d'esse flugo, como não aceito a paz. O feminismo! e teve um sorriso piedoso, ironico...



As seyladas na sala da costura

simples, grinaldas de flores, porque todos os amigos da casa trazem as suas offerendas, seus mimos e primores.

Ao passar o portal do hospicio, onde se poderia gravar — aqui mora a felicidade — ouve-se, com alegria, a alegria que reina lá dentro, trindades de risadas, cantos de amor e de graças, felizes todas ellas, certas de que, quando a morte os vier buscar, hão de ter quem os chore, hão de ter quem lhes feche os olhos, hão de ter quem por elles levante a Deus uma oração piedosa.

Nem sempre os que andam cá por fóra, fartos de riquezas, poderão contar com as lagrimas, com a dedicação, com a prece e a piedade de qualquer.

E os velhinhos lá vivem uns com os outros, ellas igualmente, e uns desmemoriados, outros desalludidos, hão dizer sorrindo:

elles — para que fez Deus a mulher?

ellas — para que fez Deus o homem?

— vive-se tão bem sem ellas!

— vive-se tão bem sem elles!

Ah, não, não é verdade...

Ha por lá um casal, que a egreja um dia uniu em consorcio talvez feliz, convidados alegres e festival banquetes.

Elle, porém, vive d'um lado, ella entre as suas companheiras. Duas vezes por semana é permitido verem-se. E fallam-se, não sabemos se um beijo tambem trocam. Talvez. Costumes que ficaram do dia do noivado. Que dizem? que conversam? do amor de outros tempos? da felicidade de agora?

Um melro agaiatado que no ramo de uma arvore os espreita, assoviando a aria da primavera, segreda-nos ao ouvido:

— Parece que fallam d'amor, os velhos...

e acrescenta a rir:

Madame Aubray, a autora da *Vie Française*, queria a liberdade para a mulher, a justiça, um codigo. Jean olhava-a sorrindo.

— Não, a equalidade, nós a queremos, como pedimos o direito ao trabalho, para salvarmos os nossos filhos.

— Sómente o lar? — e porque administrando o lar — não poderá administrar a mulher, amanhã, um E-tado?

— Porque é uma mulher, gritou Jean

Olharam-se; e ante outro pareciam dadas forças: uma retrocedendo na vida, outra avançando pelo ideal. Quem conhece as discussões entre homens de letras, o deliro nervoso passando nas suas palavras, fará uma ideia d'esta conversa, por uma tarde de sol, quando ao poente morria a luz, e os passarinhos resavam *Ave-Marias!*

— Mas, Jean, disse eu, tu queres fazer da mulher uma escrava? — Não o creio. Porque não lhe dar a equalidade se tu és um arista? Porque não queres tu ver o mundo como um lar e todos os seres n'uma só familia? Esse feminismo falla em nome da liberdade que a mãe pede para salvar os filhos, que a esposa implora para salvar o marido... O teu sorriso, tras-me a ideia que é o livro de Schopenhauer que te move no cerebro.

— Não, não... tu queres lhe dar uma Justiça que o teu Victor Hugo não pediu.

— Hugo? Elle foi longe, como feminista. Foi o unico que teve a coragem de condemnar o codigo que o defendia... Elle cantou para a mulher; encheu-a de preces, como rezava a Deus; dividiu-a. Lembra qualquer dos livros d'elle. Desde toda a sua obra poetica em que o avó, o pai, o marido, bella o solo onde os filhinhos pisam os pés, se housem, ao orador, que no parlamento os defende. Desde Han, em que elle aureola Jane; até Esméralda, morrendo firme no seu amor... vai olhai-o na Costa, e de extraordinaria criação, com as suas payagens sombrias, com a sua vida de terras. Essa creaninha que soffre e que se faz mulher, essa mulher que se faz esposa, mais tarde — que grande amor o d'esse coração, que Hugo pinta soffrendo desde a casa dos *Thénardières*, a defrontação de uma e de outra, a pobre e a rica... Vai olhai-o, ainda no *Der pour d'un Condémné*, quando a creança lê sobre os joelhos do pai a sentença, vê depois, como elle defende a mãe, como em cada palavra se perde uma



A estatua de S. José com o Menino no collo, sargindo de entre uma gruta de rosas

Ave-Maria de Luz... E, ainda O Homem que ri, os trabalhadores do mar. Hugo fez o romantismo feminino, como nenhum outro author o soube fazer, com as suas pinturas alardeando dôres e risos, com a sua psychologia profunda, com esses rebates de sentimento que se entõem, glandio em punho, vencendo sempre a bondade.

— Que preleção!... como tu foges para o romantismo, quando se falla do feminismo.

— Queres tu dizer que a mulher não é uma santa. E' preciso ver, que é ella que estofa sobre os nossos passos o amor. A mulher! Mas tu sabes o que estás dizendo. E' a nossa mãe, a nossa amante, nossas filhas. Se o céu não existisse, dizia Schopenhauer, eu não queria viver — applica esse dictado para com a mulher — porque se ella não existisse que seria a terra?

A terra seria o paraíso, porque é ella que polo roubou!...

Madame Aubray rio, pallido o rosto, enquanto Jean agora ainda mais se animava, ante essa paesagem de Nice, a discutir.

A perversão!... A perversão!...

— Uma aureola de Deus e uma oração!...

— Não, uma blasphemia n'um grito de hysterismo, uma maldição n'um alarde de luxuria. Eu olhei o bem. Esse discipulo de Baudelaire e de Goncourt, depassava os mestres.

— Louco, disse-lhe eu, que meutas a ti proprio sem veres que és a luz que nos guia, o ser que dá a sua vida por nós, a unica que comprehendes Deus sobre a terra. E tu passas, os olhos vendados, ante a Arte Suprema na sua criação mais perfeita. A Arte que te creou, que te amou, que te coroou... A arte, a mulher... e se tu sen-



Irmãs batendo um tapete que haviam recebido de um benefactor

tes passar sobre a tua fronte o nervosismo dos grandes talentos, porque não olhas aquella que te ha de coroar? Madame Elmond Rostand, com o seu amor e o seu genio salvou o poeta do *Aiglon* — ali a tens, Ilarissima. Nossa Senhora, reunido qualidades, forza para amparar o homem nos grandes desastres... Venha essa Mademoiselle Foucher, depois Madame Victor Hugo, quanta sublimidade no exilio no poeta, quanta grandezza quando se sente não amada... Esse direito que todas lhe negam, é a justiça do Amor de amanhã... é essa mulher que offendes, respicem-te, com o per-

dão, e com essa palavra que é um poema divino na bocca de uma mulher: Amo-te! Pessimista, onde está o teu talento, que nega o amor? Para que desprezar a mulher? — Quem a prostitute? Quem creou essa lei indigna e infame, que se chama das intolerancias? Pois tu não sentes horror, tu, diante dessas desgraçadas a quem a lei amaldiça a voz, que não temo direito de se queixarem, que riem sempre quando o coração lhe tem vontade de chorar. Pois tu não, sentes dôr?



Irmãs colhendo flores

— Como tu sonhas, disse elle... A mulher, olha-a bem: ella não te dá nada se tu não tiveres dinheiro. A tua bolsa? a phrase é vil, mas é verdadeira. O interesse vive em todos os seres. O que é o amor de mãe se não uma questão d'interesse; quando ha filhas bonitas especula-se, vendem-se mais caras. Quando são rias, procuram-lhe titulares para lhe satisfazerem a vaidade, quando uma canina, entro n'uma loja e pergunta: Combian conto? Não m'a dão, se eu não tiver dinheiro. Sorriem-te: é porque conhecem teu paé. Tu vés, que te fizeste em quatro livros, author feminista, que os teus proprios livros são feitos com interesse de agradar a uma elevada personagem estrangeira. Tu vés que a mulher pobre não tem direito a um homem de talento, porque o talento quer dinheiro. Não é a vocação que pueha: é a bolsa que regula o mundo. A mulher não é mais que um producto d'esse meio perverso.

— Estás a defendel-a, sem o comprehenderes. Ella vive n'esse meio, obrigada. Então meu caro. E' o meio que a perverte e esquece-te de dizer que o homem é o chefe d'esse meio.

Calou-se. Ao feminismo, olhava-o. Olhava a mulher como um modelo, um modelo que se detiza ananhan para tomar um novo. Era um pintor da forma, mas não um psychologo das dôres humanas. Era a arte pela arte, mas a figura que sahia da sua celebração artistica, eram mortos de pensamento. Creava desgra-



Depois do jantar—Aylados sentados no Jardim



Aylados passando na cerca

çadas, apriimadas sob o jugo do homem que devasta tudo, que — no dizer de Hugo, — nunca se lembra em que ha uma hora em que tudo fenecce — Baudelaire, era da sua sombra que lhe mettia horror. Eu lembrei-lhe esse verso, os mais bellos de Hugo:

Oh! n'insulter jamais une femme qui tombe
Qui saïs sous quel fardeau la pauvre âme succombe!

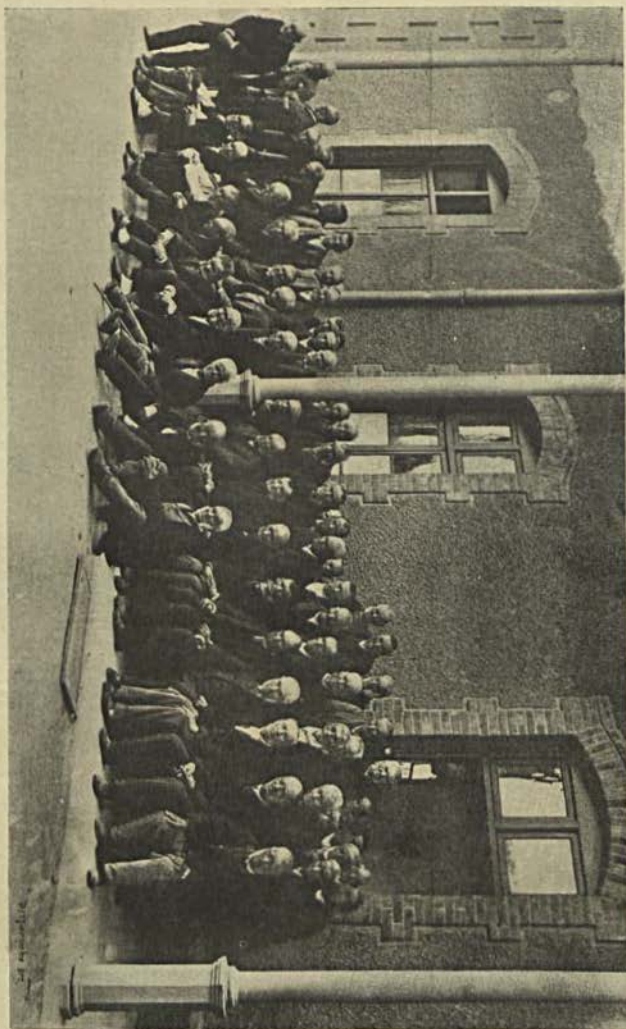
Elle olhou-me, dizendo: Um verso, e, ria ironicamente, decremente.
— Abi tens o Hugo!... disse Madame Aubry. Hugo! Ia a fallar, a pro-

testar, quando o creado de casaca, á porta, com essa inflexão de importancia franceza, a sorrir, disse:

Quand vous soudrez déjeuner!
É a jornada setima começava.

ARCHER DE LAMA.

(1) Este artigo é um excerto, traduzido pelo proprio auctor das *Journées nostalgiques* sobre Victor Hugo, livro apparecido em Paris por occasião do centenario do grande poeta e publicado em Francez pelo nosso compatriota o sr. Archer de Lima. Da livro que se divide em treze jornadas sobre o poeta, o romancista, o auctor dramatico, as suas idéas, apez, o feminismo, etc., não ha um unico exemplar.



Irmãsinhas dos pobres

Um grupo de asyritas

F' muito curiosa a diversidade de phisicomias e virtudes milidmente o temperamento de cada um. Hae os alegres, satyricos, sempre de bom humor, obtos de idéas, e de sentimentos nobres, e outros que se distinguem pela melancolia, e austeridade. D'estes últimos os mais empregados assistem de lado á formação d'este grupo, recusando se voluntariamente a fazer parte d'elle.

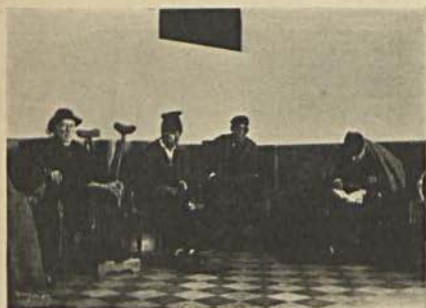
Irmãsinhas dos pobres



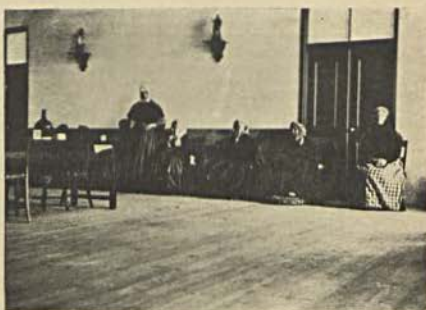
A capella do asylo

As bancadas vão até ao fim da capella e as galerias que correm dos dois lados veem unir-se sobre a entrada com porta para um largo corredor conduzindo ás camaratas, de fórma que os asylos entrevados, que só andam em cadeira, possam assistir á missa e a qualquer outra festividade.

O asylo das Irmãs das pobres



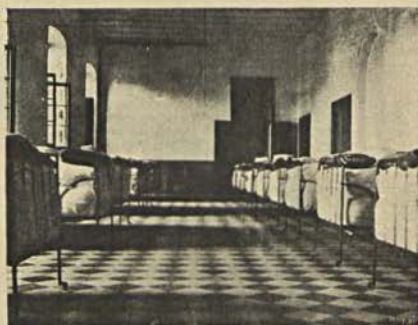
Os velhos doentes



As velhas doentes



Um refeitório



Um dormitorio



Carroça com os caldeirões para receber omissão



Carroça onde duas irmãs sahem fazendo o seu percurso diario

POLITICA INTERNACIONAL

COMO habitualmente acontece, ha uns poucos de annos as primeiras agitações da primavera, a estação das flores trouxe nos de novo os costumes ruidosos de levantamentos e insurreições na península dos Balkans. A força de se repetir quiz que sem variantes, perdeu o annuncio grande parte do valor, que em outras circumstancias se lhe poderia attribuir. E no entretanto parece que d'esta vez a prophacia está mais proxima da verdade. Pelo menos as noticias, que de todos os lados e das mais diversas proveniências nos chegam, dão como excepcionalmente grave este anno a situação nas provincias turcas da Europa. Tudo se prepara, ao que parece, para uma revolução em forma na Macedonia, que provavelmente em Albania, e dado o caso que isto aconteça, difficil será prever as consequências de semelhante movimento. O governo bulgaro sob a pressão da Austria-Hungria e da Russia, ás quaes não convem a alteração do status quo na península balkanica, tem contrariado quanto possível o trabalho dos conspiradores, e pela sua parte nada fará que possa perturbar a paz. Mas o comité macedonico, mesmo depois da dissolução que contra elle foi pronunciada pelos ministros do principe Fernando, trabalha por sua conta e com tal audacia, que publicamente annuncia para muito breve o levantamento.

Resta agora saber qual a disposição das potencias perante a feroz repressão, que a Turquia está preparando e que naturalmente será a primeira consequencia do conflicto. Consentirá a Europa n'uma repelleção dos morticínios armenios? Intervirá para suspender a justiça do Grão-Turco? E no caso da intervenção pedida Abd-ul-Hamid contar com alguma poderosa protecção, que lhe permita afrontar mais uma vez a vontade do Occidente? Estas interrogações formulam-nas ás ansiosamente todos aquelles, que na questão do Oriente vêem uma das maiores ameaças á paz da Europa.

Não ha duvida de que a Russia e a Austria-Hungria são pelo status quo a todo o custo. A primeira tem as suas atenções voltadas para a Manchuria e para as novas condições, que a aliança anglo-japonesa lhe criou na Corea. Não pôde pois desejar um conflicto, para que no momento actual ella não está suficientemente preparada. A Austria-Hungria pelo seu lado, cujo appetite de novas annexações se aguçou depois da incorporação da Bosnia e da Herzegovina, não se sente ainda com forças para se abalarar á conquista de Salonica e mesmo da Albania, e porisso prefere que o actual estado de cousas continue algum tempo. A Inglaterra, entretida com a guerra sul-africana, parece desinteressar-se da sorte da Turquia, apesar de ser presidente do conselho de ministros o marquez de Salisbury, o companheiro de lord Beaconsfield no congresso de Berlin, o qual teve por principal missão rasgar o tratado de Santo Spathi em favor do sultão. Restam a França, a Alemanha e a Italia. A primeira d'estas nações nada representa por si só, desde que está infundada á politica do tsar. Ha de tomar nesta questão a attitude, que convier a S. Petersburg. O mesmo não acontece, porém, com as duas outras, cujos interesses na península balkanica são antagonicos, não obstante o tratado politico que a liga. A Alemanha deseja de arrancar a Abd-ul-Hamid novas concessões e com os olhos sempre fixos na Asia Menor, ha de necessariamente querer defender a Porta, como o fez por occasião da insurreição de Creta e dos morticínios da Armenia. A Italia, pelo contrario, sem perder de vista a Albania e á procura de pretextos para um golpe de mão em Tripoli, tem interesse em que os negocios turcos se compliquem, para mais facilmente poder conseguir os seus fins. A aproximação com a França deixou-lhe por este lado as mãos livres. Conseguirá a Alemanha obter, que a sua aliada desista dos propósitos de expansão, em que está empenhada? Parece-nos difficil na altura a que as cousas chegam. Sob este ponto de vista é eminentemente suggestiva a linguagem dos jornaes italianos, sobretudo para com a Austria, á qual attribuem a maior opposição aos sonhos megalomanos do Quirinal. Em ton agri-dôce lembram ao governo de Vienna a attitude correcta da Italia, quando a monarchia austro-hungara recebeu de Bismark o presente da Bosnia e da Herzegovina, e reclamam agora attitude idêntica como pagamento do serviço de então. E não são folhas de baixa cotação as que assim escrevem, mas periodicos graves e circumspectos como a *Nuova Antologia*, dirigida pelo illustre deputado Maggiorini Ferraris. Esta revista, que especialmente se tem occupado da questão tripolitana, afirma n'um dos seus ultimos numeros, que cousa alguma poderá impedir a expansão da Italia no Mediterraneo e no Adriatico.

Assim, tudo concorre para apressar o desenlace da questão do Oriente. Por um lado a decomposição e a anarchia, que cada vez mais desorganizam o imperio ottomano. Pelo outro a agitação irrequieta dos estados balkanicos, soffregos e talharem cada um para si o maior bocado da herança do turco; e por ultimo, como fundo a este quadro já de si nada tranquilizador, a rivalidade das potencias interessadas na liquidação final da península balkanica.

Parece, pois, ter soado o *ditto* de Abd-ul-Hamid. Oxalá! que elle se não transforme para a Europa em tremenda catastrophe...

Acaba de dar-se um incidente diplomatico entre a Italia e a Suissa, que apesar de não ameaçar a angustia maior, nem por isso deixa de ser lamentavel sob o ponto de vista da manutenção das boas relações entre os dois paizes. O caso é o seguinte:

Um jornal anarchista de Genebra, o *Rivoglio*, publicou um violento artigo, em que, segundo parece, era insultada a memoria do fallecido Humberto. O ministro da Italia, conde Silvestrelli, dirigiu uma nota ao governo suizo, reclamando procedimento official contra a referida folha. O governo suizo respondeu a essa nota declarando, que a nota do governo federal respondeu a essa nota declarando, que a nota do governo suizo vigente estava inhumana de matar e qual-quer processo judicial contra o jornal incriminado, sem que a esse

respeito lhe fosse presente um pedido formal pelo governo interessado e por intermedio do seu representante. O conde Silvestrelli, em vez de aceitar a indicação do governo helvético, pediu, para pedir oficialmente a sua reclamação, preferir enviar segunda nota insistindo no pedido primitivo. O conselho federal, melindrado pelo tom em que esta segunda nota estava redigida, telegraphou ao ministro suizo em Roma para que este pedisse ao governo italiano a substituição do conde Silvestrelli, com o qual o governo helvético não podia ter mais relações. Negou-se o sr. Frimetti a satisfazer a este pedido, e como consequencia do motivo, porque foram interrompidas as relações officiaes entre os dois paizes. O facto, que primeiramente foi divulgado pela indisciplinação de um dos membros do Conselho federal, cuja conversação a tal respeito com um jornalista foi reproduzida na *Revue*, acaba de ser communicado ao parlamento italiano com a apresentação do «livro verde».

Que consequências immediatas vai ter o rompimento de que acabamos de dar conta? Não é facil conjectural-o. A vias de facto decerto não passará attendendo á situação internacional de um dos paizes — a Suissa. Demais, a razão parece estar da parte do Conselho federal, e custa a comprehender como o governo italiano se prestou a tornar-se solidario com a incorrecção do seu representante.

A Suissa não se negou a intentar processo criminal contra o *Rivoglio*. O que ella indicou ao ministro italiano foi a forma de se chegar a este resultado, na conformidade da constituição helvetica e de accordo com as suas prescripções. Nada mais justo e não se percebe bem o motivo, porque o conde Silvestrelli deixou de seguir a indicação do Conselho federal.

Sob pretexto de que o *Rivoglio* injuriaria a memoria de Humberto querer forcing o governo suizo a attropellar a constituição do paiz, e a cometer uma illegalidade, de mais a mais desnecessaria, visto que o mesmo resultado se conseguia legalmente, é manifestação de uma má vontade contra a Confederação, que até na propria Italia não pôde ser applaudida. Fazemos porisso votos para que dentro em pouco os dois paizes possam entrar de novo na normalidade das suas relações.

Ainda ha pouco a proposito da greve de Barcelona nós fizemos notar a nova phase em que tinha entrado o movimento operario contemporaneo, pela adopção da greve geral como arma de combate, e já temos que nos referir a outro movimento em maior escala ainda do que o catalão, que no momento actual está perturbando profundamente a vida normal da Belgica, dando lugar a tristes scenas de sangue não só na capital, mas em quasi todas as cidades importantes.

Embora a greve seja tambem agora a arma escolhida pelo partido socialista belga para combater o governo, pôde dizer-se que é uma verdadeira revolução, que elle desencadeia; e o que mais significativo se torna é que esta revolução, em que está empenhado o operariado, não tem por causa uma questão economica de salarios ou de horas de trabalho, mas uma reivindicação puramente politica, pois se refere ao regime eleitoral do paiz, visando a obter o suffragio universal. E' esta feição, inteiramente nova no moderno movimento socialista, que imprime caracter sem duvida alguma grave ao que está passando na Belgica.

E' sabido como os dois ultimos gabinetes catholicos dos sr's. Vandepereboom e Smet de Naeyer reformaram a lei eleitoral, de modo a aproveitar sómente aos clericaes, pois a propria representação proporcional que concederam, apenas foi applicada a algumas cidades onde os catholicos estavam em minoria. Sobretudo o que mais escandalizava o partido liberal e mais justos protestos levantava no paiz era o voto multiplo mas limitado, constituindo-se á sua sombra uma verdadeira oligarchia contra a qual todos os esforços eram inuteis.

Tendo-se esgotado os meios de opposição legal o partido socialista recorreu á greve, que teve como resultado tumultos sangrentos em grande parte provocados pelo proprio governo, para melhor organizar uma repressão effizaz. N'este ponto o pequeno grupo liberal da camera, que até agora fizera causa commum com os socialistas separou-se d'elles, não querendo por timor seguir o movimento que ameaça converter-se em revolução declarada.

As consequências, que esta separação pôde vir a ter no desenrolar dos acontecimentos não se pôdem desde já prever. Por um lado é certo, que a colligação se enfraqueceu e que o retrahimento do partido liberal veiu momentaneamente dar força ao ministerio. Mas por outro lado é certo tambem que o partido socialista, desligado dos compromissos com a fracção liberal, vai readquirir a sua liberdade de acção, e portanto pôde melhor accentuar as suas reivindicações, e por ellas batalhar com mais audacia. De mais é sabido, que depois da morte de Frère-Orban, o grande doctrinario da Belgica, a fracção liberal cada vez se tem visto mais reduzida, não só em força material mas em influencia moral sobre o paiz. De modo que a sua defeccão actual em pouco deverá influir no seguimento do protesto, que tão ruidosamente está iniciado.

A questão actual na Belgica é d'aquellas que não se resolvem por compromissos. A mancha da nação não se aquietará emquanto o suffragio universal não lhe for concedido, porque, se não elle, ella poderá entrar na plenitude dos seus direitos. O partido clerical, que esta se poder, ha-de empregar pela sua parte todos os esforços e lançar mão de todos os meios para que semelhante projecto nunca seja convertido em lei, pois bem sabe que no dia, em que o suffragio universal for decretado, termina o seu dominio, que sómente na oligarchia filha do suffragio restricto se appoia. N'estes termos o conflicto tem de continuar, até que uma das duas partes seja vencido. E como decerto este vencido não será o paiz, pôde prognosticar-se desde já a victoria definitiva dos socialistas belgas n'esta questão.

CONSILIERI PEDROSO.

A primeira infancia do Zizi



OS MENHOS chamou-lhe Luiz na pia baptismal. Mas elle á articular os primeiros sons, e logo toda a familia empenhada em que a si mesmo se chamasse Luisinho. Não podia comprazer. Apertado, construiu para seu uso o dissylabo Zizi.

Foi uma grande commoção. Logo todos — papá, mamã, avô, tios primos — deram com alvoroço em chamar-lhe Zizi.

Tem hoje sete annos e continua a ser o Zizi. Sel-o-ha talvez sempre. A vida tem d'estas crueldades.

Porémquanto a alcunha não lhe faz grande transtorno. Ha até n'ella certa symetria com a vida que leva, a autilhar-se de doces, a disfructar os melhores bocados que vem á mesa, a amisar por tudo e a dormir com a avó. A creada veste-o, a avó ata-lhe os atacadores das botas, a mamã tem á sua conta o penteado e o laço da gravata, o papá parte-lhe a carne no prato por causa dos perigos. Elle não faz nada senão desproposito. Todas as cousas discretas que se podia empenhar a sua actividade nascente estão a cargo de outras pessoas.

E já se pensa e se discute muito a serio o que elle virá á ser. A mamã opina por carreira de poucos estudos, que de dinheiro sem grandes labutações de cabeça, sem cancelleiras. E tem lá para si, com segurança, que o commercio é, nem mais nem menos, isto.

A avó mira ao exercito. Guerras, tem visto passar annos e annos sem as haver. E tambem, havendo-as, nem todos lá vão. Sorte como em tudo! O genero não é militar? é já capitão? E a respeito de batalhas? Nem por um occulo. Boa vida afinal, muito descaçada, soldo certo, muita representação, nenhuma responsabilidade. A D. Frudencia tem um medo horrido e responsabilidade.

O capitão Marcial o que premedita é enviar o pimpolho a Coimbra por causa da facundia e fazel-o tomar depois um mergulho de cabeça na politica. O'or o seu pequeno a nodar com pulso rijo e matreiro nos canoaes da politica afincina é todo o seu fito e proposito. Este programma politico tranquillisa por completo a sua consciencia paterna.

Porque o Zizi é centro de gravitação e eixo de mentalidade na casa, o assumpto discute-se com frequencia e calor. E o Zizi, quasi sempre presente, irá já entrevendo como é cousa difficil formar um homem na preoccupação exclusiva da sua maior commodidade ociosa!

Assim o vão já adestrando na rede emaranhada do pensamento social.

Mal sabe ainda lêr, mas de entendimento não se mostra pecco. A mamã, a polvra Maria Candida, toda se revolta ainda á idéa de mandar o Zizi a um collegio. Bem sabe que um dia — dia fatal! — terá de ser... Mas, ao menos, adiar. Quanto mais tarde, melhor. Agora parece-lhe uma profanação. O seu Zizi com maneiras tão finas! com aquelle seu arzinho de distincção! De pequenino é que se torce o pepino. Nunca virá um collegio que não fosse um viveiro de lazpus.

E, depois tambem, a falta que elle lhe fazia! O Marcial não a deixa sair só. Uma mania! Mas com o pequeno não se importa. Aquella creaturinha dá-lhe respeitabilidade. A verdade é que, indo com o Zizi, raro lhe dizem alguma cousa na rua. Ou então, ouve e vê ella mesma, por ir entredida.

E elle é tão bonitinho! As mulheres sobretudo reparam muito na longa cabeleira de caracões louros, que ella todas as noutes mette em papelotes.

Nas visitas, o Zizi patenteia um juizo exemplar. Parece inteiramente compenetrado da dignidade do seu fatinho e gôrta de velludo preto, e grande cabeça de renda branca. Lembra assim a miniatura de alguma figurinha palaciana n'um seculo remoto. A tudo, sobreeza aquella graça de agitar a bengalinha de castão prateado na moiseta enluvada de branco! Um encanto de pequeno! A pobre Maria Candida chega a pensar que morreria se lhe faltasse o gracioso companheiro das suas tardes.

De manhã não lhe importa, cede-o ao sr. Polido que vem ensinar leituras, os rudimentos da grammatica, as capitães da Europa, e as quatro operações. A' noite deixa que a D. Frudencia se encarregue do catecismo, adormecendo quasi sempre em meio da pratica devota, enquanto o Zizi se entretém com a Pluma, a gata, meio desconfortado de estar commettendo um grande peccado, de cumplicidade com a avó.

Tudo isso, vá! Agora de tarde, queria tel-o sempre commigo, pelo menos até completar treze annos. Seria então já um homenzinho. Que orgulho entrar com elle no Moreira, por volta das cinco, e comer pasteis! A's vezes tem pena de não ter tido antes uma filha. As raparigas são muito mais para as mães, já isso!

O Zizi não parece pesaroso de não saltar, de não correr, de não jogar. O costume, no dizer dos doutos, é segunda natureza. As brincadeiras infantis são para elle objecto de curiosidade passiva, como os espectaculos dominicaes do Real Colyseu de que é frequentador.

Tem em casa uma bola que não atira por causa do conselheiro Asedo, que padeca de dôres nos tornozelos e tem com isso grandes impaciencias. Mas elle tambem vê com indifferença bastante a travessa Pluma apropriar-se do brinquedo e tratá-lo como verdadeira rata appetitosa.

E' que o Zizi é seu tanto indolente. Natureza ou habito, agrada-lhe muito não fazer nada. Elle não tem a menor idéa de que um individuo só possa bastar-se a si mesmo. Quando elle quer beber agua, a mamã corre ao apparado, a avó á cosinha — o Zizi bebe sempre agua temperada por causa do perigo dos catarrhos a que é sujeito — a creada tras o assucar, e o papá, se está em casa, conclue a operação limpando a bocca com o lenço.

E, apesar de tudo, a lição diaria do sr. Polido não lhe desagradá. Emquanto vai fazendo a *calligraphia*, gosta de ouvir o sr. Polido explicar-lhe a letra do traalado. Aquillo interessa-o por ser differente do mais. A doutrina, por exemplo! Polonos que decora sem entender! A avó não explica nada.

A's vezes, com o mestre, o que lhe succede é perder o fio á idéa com a outra que se entromette. Occorre-lhe a acaso alguma observação faceta, ouvida á mesa, a respeito do casaco, do chapen, ou do proprio nariz avermelhado do sr. Polido. E alguma vez no seu espirito surgirá esta duvida perturbadora: Será o sr. Polido pessoa para tomar a serio, ou para escarnecer?

A questão dos traalados foi á ruina e o descredito do sr. Polido.

O primeiro que o Zizi durante algum tempo copiou tres vezes por dia, recava assim: **Tudoos somos symos. O rico não vale mais que o pobre. A verdadeira distincção é a das virtudes e da bondade.*

O sr. Polido, com admiravel pericia, recommendava de cada vez os dois e de distincção. A modina tendencia era sempre deixar um d'elles no tinteiro. E, ao mesmo tempo, explicava e desenvolvia a idéa do thema. A theoria da equalidade humana, que banhava de uma doce luz irradiante as magras faces do sr. Polido, punha uma expressãozinha incredula no rostinho macio do Zizi. O mestre alguma vez sentira o culposo desejo de assentar-lhe um puxão de orelhas.

Um dia — dia 13 por signal e sexta-feira — o Zizi, no meio da exhortação moralista, parou de escrever. Depois, n'um gesto vivo, que levou um tremendo borrião irreverente á palavra *virtude*, saiu-se com esta: *— Mas a mamã não me deixa chegar para os pequenos mal vestidos. Diz que têm pliochos.*

Recomendando ao Zizi que fallsse baixo, porque era feio levantar a voz, fez vagas considerações sobre o animalajo incriminado. E saiu logo, dando por terminada a lição, cabisbaixo.

No dia seguinte novo traalado: **Tratem-se os servos com doçura. Não temos o direito de maltratar as pessoas que nos prestam serviço.* E explicou, commentou, desenvolveu.

Observação do Zizi: *— Mas a mamã está sempre a ralhar. Já hoje fez chorar a Maria do Ceu.*

— *— E' que tambem ás vezes as creadas...* — o sr. Polido não achou conclusão idonea.

E no dia seguinte mudou o traalado: **A mentira é uma feia acção. Deve sempre dizer-se a verdade.*

O Zizi saltou logo: *A mamã é mentirosa. Sempre manda dizer ás visitas que não está em casa.*

O sr. Polido teve um callarinho. E, carrancudo, ordenou silencio por causa dos grossos e finos.

— *— Ao outro dia novo traalado: Deve estar-se á mesa com decencia. A faca serve apenas para cortar. Os dedos conservam-se limpos e nunca se mettem no prato.*

A principio Zizi não disse nada. Por fim, já cansado dos commentarios da sr. Polido, emittiu triumphante: *— Ora! O papá come com a faca e sempre chupa a galinha com os dedos!*

Até a este ponto, o sr. Polido andava muito apprehensivo. Advinhou-lhe o coraçao cousa ruim. Toda aquella noute cogitou n'um thema que não lhe acarreasse desgosto.

O trabalho nobilita o homem. Vale mais a mão callosa do operario que a ociosa do fidalgo.

Como o Zizi não entedia as palavras, elle teve que explicar, que desenvolver. Mas fel-o-a de vez desempedidamente, sem objecções do discipulo. E saiu contente n'aquelle dia.

Até a este ponto, o sr. Polido dava aviso para suspender as lições do Zizi. Faltavam duas para acabar uma duzia, mas davam-lhe dispensa. Como recebia adiantado, competia-lhe ainda ficar agradecido.

Já decorram tres semanas e o sr. Polido ainda não teve successor. O Zizi está em ferias enquanto — segundo o escrupulo materno — não apparece cousa de confiança.

E todo este tempo a pobre Maria Candida não faz falta de outra cousa ás amigas. — O mestre, o sr. Polido, aquelle chochinha, tinha-lhe saido... não podiam imaginar o quê... um socialista! Gestos de horror das senhoras. Algumas persignam-se. Fosse lá algum fiar-se nas apparencias! As carminholas que lhe estava mettendo na cabeça á criança! O Zizi mais ladino! Tudo era já vir-lhe a ella com umas douriceiras, umas perguntinhas de algeibeira!... A's vezes ficava mesmo atrapalhado, sem saber o que lhe responder... Credo...

Trabalva logo de cortar o mal pela raiz... Certas cousas, só assim... E remata sempre: **A filhas, muito custosa é a educação dos filhos.*

Em casa continua a discutir-se com afian e perfia se o menino deve encaminhar-se para os algarismos commerciaes, para os botões amarelos da farda, ou para as cavillosas manhas da politica.

Se qualquer circumstancia imprevista livrasse hoje o Zizi das apertadas contingencias da familia, talvez se pudesse ainda aproveitar um homem.

Mas ficavam ainda todos os outros Zizis, que ás tardes sobem a rua do Ouro, em direcção á Avenida, com muito proposito, vestidosinhos de lido.

Madriz, 902.

CAEL.

A passagem da ponte

(CONTO MILITAR)

A LORES que se podiam ver os quatro mil homens, que, a 25 de março de 1834, marcharam do Porto, com o brigadeiro Torres, barão do Pico do Celleiro!

Que não sobresse que iam atacar a divisão miguelista em trincheirada d'alli a cinco leguas, nos arredores de Santo Thyrsio, cuidaria que se tratava de um simples passeio militar.

E' que todos elles acreditavam que a victoria já não podia desamparar a bandeira azul e branca, depois de tão longamente lhe ter sido fiel companheira, quer por traz das fortificações improvisadas em volta da cidade da Virgen, quer em campo aberto ou sobre as ondas alterosas que banham o cabo de S. Vicente.

E esta convicção robustecia-se ainda mais com a inabalavel confiança, que lhes inspirava o seu bravo commandante. — Quem durante os onze mezes e dez dias do cerco defendera a Serra do Pilar dos pavorosos ataques dos miguelistas, não havia certamente de arriscal-os agora a uma derrota, quando tudo annunciava para muito breve o final da campanha.

Sim! Tinham a certeza de que iam desbaratar as tropas do brigadeiro Quinhones, mostrando a José Carlos, commandante do exercito realista de observação em frente do Porto, que a desfalcada garnição bastava não só para manter o inexpugnavel baluarte liberal em poder da Rainha, como para tomar a offensiva e triumphar. Que se deixasse, portanto, de esperanças irrealisaveis!

Mas a crença dos soldados, talvez não a tivessem Pico do Celleiro. Pois com aquella força, em que, exceptuados os regimentos de infantaria 10 e 18, dois esquadrões de cavallaria 6 e duas brigadas de artilheria, tudo eram voluntarios alistados havia poucos mezes, — com aquella força não seria rematada Lourenço e accommetter as linhas construidas nas margens do Ave?... Além d'isso, o antigo official de cavallaria conhecia bem a pobreza em que estava de tropas da sua arma. Na revista que passara á columna, na vespera da marcha, o commandante dos esquadrões, aliás habilitissimo official, pedira-lhe, sorrindo, que os dispensasse de comparecer, visto que os homens e os cavallos, pela escassez de tempo, ainda se não conheciam bem.

Posse como fosse, não podia ficar mais tempo reduzido á defensiva, quando o almirante Napier, sem levar consigo uma unica peça de artilheria, acabava de tomar o castello de Caminha e a praça de Valença. Tão logo menos deixar-se ficar atraz de um official de marinha, que de mais a mais era inguez! Que ganhasse outra batalha naval, como a que lhe tornara o nome eternamente glorioso, ainda se não admitia; mas que tambem vencesse na terra firme!...

— *Shaking!* concluiu o barão, lembrando-se do quasi nada que da lingua de Milton aprendera durante a guerra da Peninsula, e cheirando a sua centesima pitada d'aquelle dia.

Os absolutistas ainda conservavam em volta do Porto as forças necessarias para repellirem aquellos aggressores, principalmente do lado de Santo Thyrsio, ponto central das suas posições. Infelizmente para a causa, os soldados, com as successivas derrotas, iam perdendo a confiança nos officiaes, e já não correriam para o inimigo com o heroismo que os animara no grande ataque do dia de S. Miguel, e em tantos outros não menos portados e sanguinolentos.

Mandava, pois, o bom senso prevenir-se o caso de que os defensores de Santo Thyrsio não sustentassem o impeto do assalto dos liberaes, a despeito da protecção offerta pela linha e pelo extenso muro, que rodeava o acampamento.

Para a norte da povoação o rio Ave constitua um largo fosso aquatico, impossivel de transpôr uma vez cortada a ampla e elevada ponte de madeira, donde ia dar a rampa que desce da villa; mas o essencial era certal-não no momento oportuno, só na ultima extremidade.

Para preparar a melindrosa operação foi escolhido o tenente de engenheiros Miguel de Souza. O brigadeiro Quinhones deu-lhe a ordem no dia 25 á tarde, antes de marchar para a serra do Carneiro, onde provavelmente devia dar-se o primeiro choque.

— Confio-lhe este servico, — disse-lhe o brigadeiro — por saber que é affilhado d'El-Rei, e um dos seus mais dedicados servidores. Excesso de lhe dizer que a diligencia deve ser executada com todo o segredo, aliás poderia amedrontar as nossas tropas, mostrando-lhes que já pensamos na retirada. Empregue pois o menor numero de praças, e escolhas de toda a confiança.

Miguel de Souza cumpriu á risca as instrucções. Como seu principal auxiliar levou o cabo Diogo Mendes, um rapaz audacioso e destemido, que, durante o cerco, o tinha coadjuvado na construção da linha de circumvalação á ilha de Paranhos.

Um dia, o parapeto estava quasi acabado, quando veio uma bala de artilheria e cortou pelo meio um dos homens, que alisavam o plano de fogo.

O cabo foi logo substituído, dizendo com desdem:

— Vocês cuidam que nos obrigam com isso a deixar em meio a tarefa?... Os engenheiros d'El-Rei Nosso Senhor só fazem obra limpa, fiquem sabendo! (*) Não se parecem com os de vocês, seus negros de uma figa!

E acabou o trabalho tão socegado, como se não estivesse em frente da morte.

O tenente ficou-o estimando, e mais de uma vez lhe quiz fazer passar o grande desgosto de não saber noticias de um irmão, de quem elle era amicissimo, e que estava no Porto quando entrou o exercito de D. Pedro, e ainda lá se conservava, a não ser que já tivesse morrido.

— Não te afflijas homem! dizia-lhe o official. Tu irmão está vivo, acredita, e não vem cá para fóra porque não quer. Aquillo fez-se *malhado*, e é como se não existisse.



Apesar d'isso, quando Diogo Mendes via disparar algum tiro contra a cidade, pensava tristemente:

— Se irá acertar em meu irmão?

Depois de levantado o cerco, nunca teve noticias d'elle. A familia, em Villa Real, tambem as não sabia.

A meia noite estava prompta a mina.

Levou mais tempo, em razão de Miguel de Souza, a principio, querer empregar uma *salsicha* para incendiar a carga, tendo até mandado fazer o tubo de lona cheio de polvora, e com o preciso comprimento para chegar desde o meio da ponte á margem fronteira a Santo Thyrsio, onde havia de largar-se fogo á mecha.

Mas o cabo lembrou-lhe que talvez conviesse usar outro meio, porque o inimigo poderia ver a *salsicha* ardendo, e apagal-a a tempo, ou fugir.

(*) Eram notorios, pela perfeição com que estavam acasteladas as fortificações que os engenheiros de D. Miguel levantaram em roda do Porto.

— Sim, tens razão, concordou afinal o engenheiro, tendo-se primeiro irritado um pouco. O cunhete ainda está no paiol?

— Ainda, meu tenente.

— Pois então manda arranjar-lhe na tampa uma caixa com o fundo de correr, para se lhe pôr dentro o morrão aceso.

— Que a seu tempo cairá sobre a pólvora, quando de longe se puxar a cordelha com a ajuda de uma corda?... perguntou o outro. Era esse meio justamente o que me parecia melhor.

— Bom! Vae já ao paiol... Escuta!... Para que o inimigo nem a corda possa vêr, em lugar de a estendermos pelo meio da ponte, põmol-a a um dos lados. E assim, quem tiver de puxar-a fica mais escondido. — Para isso, deve ella formar esquadria junto á cabeça do pranchão...

— Que ficar por cima da mina?... Está visto. E para correr bem, fazmol-a passar, ali, n'uma roldana. Não te esqueças de trazel-a. Executou-se tudo puntualmente.

Por baixo de um dos pranchões médios da elevada ponte, que n'aquelle sitio unia as margens do Ave, construiu-se com soldes o leito para um cunhete, cheio com duas arrobas de pólvora. Na caixa ligada á tampa seria mettido, á última hora, um bocado de morrão, bastante comprido para poder esperar-se á vontade a chegada dos atacantes.

Quando ficou tudo prompto, Miguel de Souza disse para o cabo: — Queira Deus isto não tenha de servir! E' signal de que os malhados voltarão para trás, de crelha marcha.

— Que venham, e faremos-lhes dar um salto até Villa do Conde ou Guimarães! acudiu o cabo Mendes, arrojando para o céu ambos os braços.

As avançadas constitucionaes toparam, com effeito, as primeiras vedetas do inimigo nas abas da serra do Carneiro, passado o lugar de Alfena. — O brigadeiro Quinhões queria dar combate n'um terreno situado a meia legua do seu acampamento entrenchinado.

Quando a brigada liberal se dirigia para a aldeia do Carneiro, ainda hesitou por instantes, ao receber as descargas de dois batalhões ali emboscados; logo, porém, o corpo principal corrou as alturas dominantes, e poz termo á resistencia.

Era isto já no dia 26, de madrugada.

Não podendo manter-se na posição escolhida, as tropas de Quinhões

Dois esquadras do regimento de cavallaria do Fundão, parecia quererem defender a ponte depois da retirada da infantaria, eis que o seu commandante disse algumas palavras, em voz baixa, o tenente Miguel de Souza, que tinha vindo, com rapidez, da outra margem.

O coronel Puisseux, mal as ouviu, mandou os dois esquadras tomarem o caminho de infantaria.

Decorridos poucos segundos, a bisoula cavallaria constitucional, por ordem do barão de Pico do Celleiro, entrava na ponte.

O morrão, depois de aceso, fóra mettido na caixa adaptada á tampa do cunhete, e logo reposto no seu lugar o pranchão, apenas o tenente de engenheiros vira a arder o acampamento de Santo Thyrsio.

Como a infantaria fosse retirando em confusão, pela falta de officiaes, Miguel de Souza, que tinha perto de ali o cavallo aparelhado, montara de gangão, e ainda metterá na fórma umas dezenas de fugitivos. Depois, feitas as ultimas recommendações a Diogo Mendes, correrá direito á cavallaria amiga, ao avistal-o na outra margem dispoñendo para se resistir.

Se o official passou por cima das duas arrobas de pólvora sem um estretimecimento de meio, o cabo tambem estava sereno no seu posto, esperando a occasião de puxar a corda. — Oculto por uma das columnas de madeira enfeitadas com ornatos architectonicos, que formavam os magestosos porticos da ponte, via, sem ser visto, a quem viesse do outro lado.

— Até não faltam os cypresses para o cemiterio dos que vão aqui morrer! pensou, levantando os olhos para duas áquellas arvôres, que ladeavam o portico, hirtas, muito altas.

Quando passaram, de retirada, os esquadras do Fundão, Miguel de Souza, que continuou a acompanhal-os, para que o inimigo não desconfiasse vendo-o ali ficar, fez com os olhos um signal ao seu subordinado, como que a reterar as ordens que lhe dera.

— Vá descaçado! replicou Diogo, espreitando os esquadras de cavallaria 6.

O official ouviu-o, não obstante o tiroto continuar nas duas margens, e disse-lhe já um pouco adiante, sem se voltar:

— Ah! não te chega nada.

— E que chegasse! fez o outro, encolhendo os hombros.

Os cavalleiros liberaes avançavam pela ponte, soffrendo no seu cavallo. — Seria pelo receio de que os madeiros alissem, com outros abalos violentos; ou por effeito de algum presentimento sinistro?... O certo é que nenhum podia sequer lobrigar o cabo, cujo rosto apenas emergia do pedestal da columna.

Pois os olhos brilhavam-lhe, brilhavam-lhe!... Rígido, immovel, estava ali acorreato pelo dever, com a obrigação de matar em grande, á farta! Quantos mais inimigos exterminasse, maior terror infundiria nos restantes, e melhor serviria a sua causa.

Para isso, só deveria puxar a corda quando a testa da columna tivesse ultrapassado o meio da ponte. Já lhe via as caras distintamente.

— Tudo rapazes tão novos!...

Não conhecia nenhum.

Estremeceu.

— O segundo da esquerda!...

Deu um grito surdo, e deitou a cabeça um pouco para fóra da columna.

Era o irmão, com certeza — o querido irmão, que não via ha tanto tempo!

A corda cahiu-lhe das mãos.

Avançava sempre a cavallaria inimiga, lentamente, cautelosamente. Quando desembocou da ponte, já o cabo, sem que o tivessem sentido, se deixara escorregar pela encosta, quasi até á beira de agua, ficando ali occulto pela vegetação luxuriante.

Em breve os esquadras do Porto fugentavam os do Fundão, depois de uma refrega, em que foi ferido o coronel Puisseux, e que permittiu á infantaria absolutista bater em retirada para Santa Christina, d'onde foi repellido, no mesmo dia, em direcção a Guimarães.

Forçadas tambem a evacuar esta villa, as forças de D. Miguel, desmoralizadas, dispersas em pequenos bandos, alastraram-se pelo Minho, enveredando para Traz-os-Montes.

Pelas vertentes do Marão chiboteia implacavel a norteada e torna mais acerbo o soffimento dos fugitivos.

Só em Villa Real se julgarão seguros contra os negros amaldiçoados.

Mas quantos não chegaram lá!... E que terror espalhavam todos pelo caminho!

«Não tardam os malhados, não tardam! São piores ainda que os francezes, que ha vinte e cinco annos trouxeram consigo a destruição e a morte. Tão honesta perdida, que não respeitam os haveres de cada um, a honra das mulheres, nada! Se até — não fossem elles pedreiros livres! — entram nas egrejas, arrombam os sacraricos, e espalham pelo chão as hostias consagradas, para as pisarem a pés e lhes escarrarem em cima!»

E os povos, ouvindo isto, fugiam apavorados, a buscarem abrigo nas serras, entre a penedia e o tojo.



nes começaram dentro em pouco a retirar-se, sem parar de fazer fogo contra os perseguidores, até que se reuniram em frente do acampamento de Santo Thyrsio. Uma linha de atradores, por trás do extenso muro, augmentava a previsão de uma tenaz resistencia.

Mas o barão tinha aprendido muito nas amaduadas derrotas, que infligira aos assaltantes da Serra do Pilar: enquanto com a columna do centro acomettia a frente da posição, mandava as duas restantes effectuarem ataques por ambos os flancos.

Ao ver-se contornado, o inimigo achou prudente passar o rio, o que fez em boa ordem, depois de incendiar o acampamento.

— Era um castigo do ceo, clamavam os padres. Se se tivessem formado mais batalhões de Voluntarios Realistas, e se muitos dos alistados não desertassem, já os liberes estariam esmagados. Agora o unico remedio era sacrificar tudo — pessoas e fazendas — para que um rei tão bom, tão portuguez, não descesse do throno, a que só elle tinha direito.

Palavras já sem echo!

Fugiam quasi todos, levando o que possuíam de mais precioso, quando lh'o não tirava a horda fugitiva, ensandecida pela fome e pelo desespero.

Senão quando, travavam-se luctas furiosas, rematadas algumas vezes pelo exterminio de um dos grupos: crimes hediondos, que ficaram impunes, por esquecidos ou ignorados.

Miguel de Souza, encarregado pelo brigadeiro Quinhones de levar uma communição urgente a autoridades transmontanas, deixou atraz de si muitos bandos de fugitivos.

O respeito que pelo seu posto já não poderia impôr-lhes, fiava-o de um par de pistolas, que levava nos coldres, ambas carregadas, e ambas promptas a disparar, segundo verificava a miude, examinando-lhes as cascoletas e pedrneiras.

A dois de abril passou junto de um cabo, que tinha o rosto coberto por espessa mascara de pó, e attentou n'elle, vendo-o estremecer e esquivar-se-lhe.

Reconheceu-o.

— Pois és tu, Diogo! exclamou, surprehendido. Porque não me falaste? Tambem me não reconhecia?

— Sim, meu tenente, foi isso mesmo, replicou o outro, a titubear.

— Olha lá! bradou Miguel, pondo-lhe adiante o cavallo e voltando-se bem para elle. Ainda te não tinha visto desde aquelle dia, para te perguntar: porque foi que não rebentou a mina?

— Julguei que já soubesse, respondeu o cabo com a voz ainda mais tremula. Eu bem parei pela corda, mas não consegui nada. Certamente o mortão tinha-se apagado.

— Deveras?... Pois eu affirmo-te que estás mentindo. Nunca esperes de ti semelhante traição. Tambem te vendeste ao inimigo?

— Lá isso nunca, meu tenente! gritou, indignado, Diogo Mendes, e levou instinctivamente a mão à bayoneta, unica arma que ainda conservava. Pois bem, vou lhe dizer a verdade.

E, como estavam inteiramente sós, confessou tudo.

— Visto isso, para salvares a vida a um irmão, sacrificaste as de tantos camaradas teus, que defendiam, como tu, o nosso rei, a religião de nossos paes? perguntou-lhe Miguel de Souza, com a falla meio embargada pelo espanto e pela raiva.

— Pois havia de matar o meu irmão?... Conheci-o perfeitamente! Um irmão de que fui sempre muito amigo, muito! Um irmão que eu ha tanto não via!

— Não era o teu irmão, era o teu inimigo! interrompeu o tenente, com fôrça. Só devias pensar nos que combatiam a teu lado! Por esses é que tinhas jurado arriscar, sacrificar a vida! Esses é que eram os teus irmãos... os teus irmãos de armas!

— D'essas irmandades não percebo nada, murmurou o cabo, afastando-se como para seguir o seu caminho.

— Ah! Sim? Pois já te faço perceber!...

E, tirando rapidamente dos coldres uma das pistolas, varou-lhe a cabeça com uma bala.

MAXIMILIANO DE ABEVEDO.



Homenagem brasileira a Lord Cochrane



O commandante e officiaes do couraçado **Floriano**, depondo flores no tumulo do almirante brasileiro **Lord Cochrane, Marquez do Maranhão**, na abbadia de Wettminster (Inglaterra), no dia 28 de junho de 1901

A Companhia Lyrica

DO COLYSEU DOS RECREIOS



Antonio Santos — EMPRESARIO DO COLYSEU DOS RECREIOS



Carlo Carica — Tenor



Nadina Dulicoff — SOPRANO DRAMATICO



Agostino Lanzoni — Basso



Giuseppe Borghi — BARYTONO



Rudi Adami — SOPRANO LEVADO



Clot Marchesini — MEXEO SOPRANO



Gianni Mastri — Tenor



Carmen Garci-Nuno — SOPRANO DRAMATICO



Adalina Tromben — SOPRANO LEVADO



Antonio Fini Garsi — BARYTONO GEMELO



Isabella Vicher — SOPRANO LEVADO



Ferrucio Coradelli — BARYTONO



Filippo Alabrandi — BARYTONO



Leonilda Gabbi — SOPRANO DRAMATICO



José LaHoué — MEXEO DE CONCO



Giuseppe Tanci — Tenor



Felice Vecchi — Tenor



Paolo Corrao — DIRECTOR DE ORCA



Balinassary Bonquelli — Basso

A famosa cantora Catalani



SECULO XVIII foi a época dos sopranistas, dos castrados, a que Scudo chamou — os representantes da idade heroica da arte de cantar. De Londres a Lisboa, de Madrid a S. Petersburgo, os sopranistas dominam a seu livro alvardo na opera, são os ídolos dos reis e do publico. Cafarelli, Manuelli, Gizziello, Farinelli — tão apreciados por Philippe V e Fernando VI de Hespanha —, Guadagni — que fazia chorar toda a corte de Vienna —, Crescentini e Velutti, notabilisaram-se entre a turba dos cantores androgynos. A revolução musical continuada por Gluck, continuada por Mozart e acabada por Rossini, varreu da scena esses cantores hermaphrodites. As vocalisações custosas, as *florituris*, as cadencias, os trinadoes, as volatas, as apojaduras e outros kikiriris da musica de difficuldades, constituio a arte suprema do cantor marico. E' a esse tempo famoso que remonta a celebre contenda entre os partidarios de Gluck e os de Piccini. A platéia da Opera de Paris era occupada por duas legiões de partidistas volteiros, que faziam illê em mutuações se insultarem, e que recebiam, com fleugma stoica, um chuveiro de revirêtes rabelisaeos, um enxurro de larachas esquinadas e uma saravada de chancas sombeiteiras. O abbade Arnaud capitaneava os *gluckistas*; Marmontel, La Harpe e d'Alembert, figuravam no numero dos *piccinistas*.

No principio do seculo XIX, já o Principe Regente (depois D. João VI) quebrara a prohibição imposta por sua mãe, a rainha D. Maria I, a qual ordenara que as mulheres fossem excluidas da scena portugueza. Algumas cantoras do S. Carlos de então produziram furor. Rosa Fiorini agradou immensamente pelos seus encantos e attractivos, que, segundo parece, derramavam no sangue quele fremoso de voluptuosidade de que fala Baudelaire. Como disse um escriptor sueco, nosso hospede, ella dava que falar de si em toda a parte e era objecto dos desejos dos homens e da maledicencia das mulheres, (1) o que não impediu que ficasse n'este cantinho europeu até 1808. (2)

Luiza Gerbini cantava e tocava rebeca em S. Carlos, e era acolhida agradavelmente pela flor da *élite* nos salões em que, segundo a moda, se fazia musica, se começava a dançar ao som do piano — uma novidade —, se 'adivinava a esphinge frivola das charadas e dos proverbios, se jogava o *whist* e o *voltaire*, e, à meia noite, se servia o chá e a tradicional canja de gallinha, costumeira a que nem a propria embaixatriz Junot ousava resistir. (3) A Gaforini — uma virtuosa das mais favorecidas das cordas vocaes — era tão amada, que até popularisou o seu penteado exquisito, para designar o qual se inventou um neologismo — a *gaforina*.

A Catalani, de voz tão pura, tão vibrante, tão magnetica, foi uma estrella que tocou o zenith no firmamento theatral. A sua historia é uma gloriosa epopeia de triumphos. Cada nova creação sua acrescentava um loiro e uma rosa mais à sua coroa immarcescivel. Dir-se-hia que ella encarnava a alma perfumada das flores, a alma resplandecente da luz, a alma divina da poesia, a alma sonora da musica, a alma de tudo que canta, que palpa, que é a mocidade perenne da vida e a belleza eterna do mundo.

Angelica Catalani professou no convento de Santa Lucia di Gubbio, onde as harmoniosas plegarias que entoava no côro atrahiam innumerous ovinos. E aqui apresenta ella um ponto de contacto com a celebre M.^{lle} Lemoine, cuja voz deliciosa chamava meio mundo, e o *demi-monde* por cima, à abbadia de Longchamps, afim de presenciar as solemnidades da Semana Santa e ouvir o canto argentino d'aquella serena, auxiliada pelos coros da Opera dos ultimos annos do reinado de Luiz XVI. A Catalani, de uma formosura imperial, avassaladora, tinha pelle de branco velino, grandes olhos azues, labios purpureos que semeihavam um cravo de carne viva, um collo de cyano e um busto de elegancia nervosa. Parecia que trazia em si toda a magnificencia da Primavera.

Por toda a parte onde cantou produziu fanatismo. Em Vienna de Austria, as damas da corte traziam o retrato da Catalani em medalhão. Apenas ella chegou a Paris, Napoleão I — que tanto

amava o theatro e cuja imaginação era naturalmente sensivel ao effeito scenico, como ainda ha pouco observou Lord Rosebery n'um livro magistral — mandou-a chamar às Talherias e perguntou-lhe com aquella rispidez propria de quem estava habituado ao commando: — "Para onde vae, senhora?"

— "Para Londres," respondeu ella.

— "Deve ficar em Paris, retruou o imperador. Pagar-se-lhe-ha bem e os seus meritos serão melhor apreciados aqui. Terá com mil francos annuaes e dois mezes de sulto. Está combinado. Adeus, senhora."

Mas a cantora, que já havia pactuado contrato com Lord Robert Fitz-Gérald, ministro inglez em Lisboa, fretou um barco e safou-se para Inglaterra, onde apozou em Dezembro de 1806.

A Opera londrina, onde se haviam travado as grandes luctas entre Carestini e Farinelli, a Faustina e a Cruzioni, a Marra e a nossa Todi, e que depois havia de vêr as grandes luctas entre a Pasta e a Malibran, a Jenny Lind e a Albion, teve occasião de assistir à victoria formidavel da Catalani, para a qual não pouco concorreram os politicos. Já no seculo XVII se tinha visto os *torios* applaudindo os harpejos e as gammas chromaticas da Marra, enquanto os *whigs* applaudiam o canto largo e pathetico de uma illustre filha de Setubal — a Luiza Rosa de Aguiar Todi. Pois a influencia que a Catalani exerceu na opinião publica foi de tal ordem que o governo mais de uma vez recorreu a ella para exaltar o espirito nacional. Assim, logo que se recebia noticia de qualquer victoria obtida por Napoleão, os ministros faziam annunciar que se cantava em Drury Lane o *God save the king* ou a *Raise Britannia*, e o publico levantava-se louco de patriotismo, quando ouvia dizer: — *Send him victorious, happy and glorious!*



CATALANI

Em Londres, ganho ordenados fabulosos: deram-lhe duzentos guinões para executar o hymno e a canção nacional, e duas mil libras para cantar n'uma festividade (4) a imprensa britannica embriagou-se com os perfumes subtile exhalados dos thuribulos dos localistas encomiasticos. Um jornal, noticiando a sua estreia no Theatro Italiano do Rei, onde subira à scena a opera *Semiramis* e o bailado *Duonomania*, dizia que a Catalani apagara a recordação das impressões produzidas pela Todi, pela Marra, pela Banti e pela Bellington. (5) Depois da representação do *Il fanatico per la musica* dizia: — *On ne voit plus, on n'entend plus qu'elle*. (6)

Admittida nos salões da aristocracia, cortejada pelos partidos politicos, amada por todas as classes, a Catalani foi o *great event* londrino: os inglezes acharam n'ella *charm*, e ella viveu oito annos em Inglaterra n'uma balsamica atmosphera de sympathia. O enthusiasmo que despertou na velha Albion tocou os lindes do delirio. O principe de Galles, de braço dado com Brummel, governava a Inglaterra elegante no momento da chegada da Catalani. N'esse momento tambem acabava de morrer a duquesa de Devonshire (Georgina), cujo salão arizenteiro fora o salão primaz e o ponto onde confluiam os talentos: — o orador Fox, o publicista Burke, Lord Sheridan, Sidmouth, o poeta Wordsworth, Moore, o actor de *Lalla Rookh*, Priestley, o descobridor do oxigeno, Jeremias Bentham, o continuador das doutrinas de Hobbes e de Helvetius, que fundaram a moral no principio da utilidade, doutrina perflhada hoje pela escola evolucionista. Brummel, graças ás artificialidades do seu alfayate Brooker, do seu sapateiro Younger-Tull e do seu cabelleiro Deard, typificava o figurino seguido por todos os pintalêgros que floresciam e fructificavam na casca d'este esperoleiro girante.

O exito crescente d'esta virtuosa em joalherias musicas justificava-se com as seguintes linhas de Scudo: — "A extensão prodigiosa da sua voz tão equal como forte, a magnificencia, o brio d'essa vocalisação que desbrochava em feixes luminosos como um repuxo do parque de Versailles, a rara distincção da sua pessoa, a nobreza do seu porte e do seu caracter, excitaram um enthusiasmo universal... Dotada de um feliz instincto, possuindo uma voz de soprano das mais extensas, das mais sonoras e das mais flexiveis que teem jámais existido, bella era do paraso cujo gorgorizo equalava a magnificencia da plumagem. Madama Catalani foi antes uma maravilha da natureza do que um producto da arte." (7)

A Catalani esteve escripturada no nosso theatro de S. Carlos de 1801 a 1806. Os lisboenses admiraram a cantora admirabilissima, postoque reconhecessem a sua fraqueza como comediante, segundo afirma uma testemunha contemporanea, o poeta Costa e Silva. (8) Outra testemunha, que a conheceu muito de perto, a duquesa de

Abrautes, refere-se-lhe nos seguintes termos: — "Era bella no theatro e fazia-me lembrar a Grisi, ou, para melhor dizer, a Grisi é que me fazia lembrar a ella. Era perfeitamente virtuosa, e Lisboa viu scintillar com o maior brilho todo o seu talento e toda a sua virtude, apesar das seducções que Bandeira, contratado dos diamantes, o sr. Beoford e uma multidão de nobres portuguezes, com o duque de Cadaval á frente, ensaiaram, mas sem exito. A Catalani tinha n'essa epoca uma voz como nunca ouvi; é fabuloso. Sabe-se bem o que é uma bella voz, mas uma voz como a sua é uma mara-tilha desconhecida." (9) Conta depois, que o doutor Picaçou, indo de palacio da Rainha para a embaixatriz franceza para a medicina, lhe dissera que fôra chamado para curar a Catalani de uma contusão, a qual lhe produzira um abaixamento de voz. E foi então que o medico reconheceu, com pasmo, que a Catalani não possuia amígdalas. A litterata forasteira tambem gaba muito os sentimentos caritativos d'esta cantora, embora não fôsem em tão elevado grau como os do feilissimo Naldi, cantor-buffo de S. Carlos, que ella assignou para seu professor, depois de o ouvir na *Camilla* de Fioravanti. (10)

Entre a Catalani e o cantor Crescentini houve disputas, porque, segundo parece, os dois grandes artistas não só eram rivales na arte, mas tambem — *mirabile dictu!* — nos amorios. (11) Estas renzilhas de bastidores, estes mexericos de camarim, reflectiam-se na sala de espectáculo, e d'ahi o mobilisaram-se dois grupos de partidarios da cantadeira, e a seguir do theatro de S. Carlos para a casa de um belligero, uma cantora do theatro de S. Carlos, e a seguir os dois se combatiam extravandando dietorios e doestos, mas o que se sabe mais é que d'este ultimo grupo fazia parte Francisco Antonio Lodi, emprezario de S. Carlos de 1802 a 1806.

No salão do embaixador francez, encontram Catalani a Mr. Fernando André Valabregue, capitão do 8.º de hussards e addido militar á embaixada, homem extremamente amavel e de maneiras distinctas. A vivacidade do seu espirito e a sua presentinha unio, seu uniforme espalhatos como o dos petulantes coroneis do Scribe, seduziram a Catalani. O official bonifrado, percebendo que a cantora lhe dava sorte, e que desejava legitimar os impulsos do coração — conforme se diz no repertorio de Feuillet —, e calculando, por outro lado, que a voz da Catalani podia ser uma esplendida fonte de riqueza, empregou toda a sua estrategia marcial para se fiudar com ella. A familia, porém, oppunha-se tenazmente ao engano, e os numerosos amigos da dita detestavam semelhante unio. Mas conta-se que, a todas as objecções que lhe apresentavam, ella, baixando os olhos com pejo, só respondia: — *Ma che bell'offiziale!*

Além d'aquellas difficuldades para a effectuação do matrimonio, houve outra de monta, e foi a teimosia do Patriarcha em não authorisar o casamento. A esta respeito, a seguinte carta dirigida pelo prelado ao obispo e glutão conde de Villa-Verde — ministro do reino e ministro assistente ao despacho, — carta que transcreevamos, sem lhe mudar uma virgula: — "Il.º e Ex.º Sr. Meu sobr.º e Sr. do meu coração e do meu mayor respeito. Pela carta em data de 28 de Março proximo passado, que recebi de V. Ex.º e com grande estimação, me participa V. Ex.º de ordem do Principe Regente, que Sua Alteza Real não tenha absolutamente coisa alguma contra a contração do Matrimonio de Angelica Catalani com um francez, porém como não sei se nesta resolução se comprehende a Dispensa das Leys Regias, a primeira do não se contrahirem Matrimonios, sem o consentimento Paterno, á excepção dos que tiverem vinte e cinco annos completos, o que não succede á contrahente antes de 12 de Mayo do presente anno, em que os completa; e a segunda em que he de 6 de Outubro de 84, aonde no § 8.º Determina a Rainha, Minha Mãe, que ainda depois de completos os 25 annos, devem os filhos para haverem de casar pedirem respectivamente o consentimento a seus Pais: por essa razão, enquanto V. Ex.º me não segurar que o Principe Regente, Meu Senhor, Dispensa com a referida Catalani nestas duas Leys, não posso dar Licença para a dita contração do Matrimonio, porque sou fiel observador de todas as Leys e Ordens de S. A. R. e de todos os seus augustos Progenitores; assim fizo esperando a resolução do mesmo Senhor para a cumprir e cumprir, porque esse he o unico motivo que me tem embracado até aqui. Licença para a dita Matrimónio que me esta occazião, protesto a V. Ex.º de novo a prontidão com que me acho para tudo o que for do seu servico. Deos guarde a V. Ex.º meus annos. Junqueira, 1.º de Abril de 1806. De V. Ex.º Tio e mais obrio.º Ven.º — Jozé." (12)

Apesar dos estorvos levantados pela judicatura paterna e das implicancias relativas, a Catalani embaraçou o casamento na galera conjugal, matrimoniando-se com o cavalleiro franchão da capella da corte sob os auspícios do Principe Regente e do general Lannes. (13)

A celestial diva adormeceu entre duas crises de felicidade — a gloria do palco e a victoria do amor!...

Na correspondencia do conde de Villa-Verde, existente no ministerio da Justiça, apparecem varias referencias ao casamento da Catalani, á sua retirada de Lisboa e ao theatro de S. Carlos. Mas seja nos permittido fazer uma breve pausa de suspensão para dizer que o general Lannes esteve encarregado de negociar o tratado de neutralidade entre França, Portugal e Hespanha, e foi substituido por Junot, com a categoria de embaixador. Madame Junot babou o palacio Ferreira Pinto, ao Chiado, onde recebeu todos os dias, offereceu jantares tres vezes por semana e deu alguns bailes, embora asseverasse que os portuguezes dançavam muito mal, exceptuando apenas o infortunado marquez de Loulé, que morreu

tragicamente em Salvaterra no anno de 1823. Não admira que Madame Junot recebesse com distincção, porque era uma senhora de espirito vivo, de primorosa cultura intellectual, litterata de pulso, dançante exímia, Amadora muito apreciavel da arte musical, porque tocava piano e harpa na perfeição e compunha romanzos, auctor dramática, porque escreveu para o theatro do conde de Castellane, e actriz de merito, porque figurou vantajosamente nas Tulherias e em Malmaison, desempenhando papeis de *soubrette* ao lado de Hortensia Beauharnais, da futura marchesa Ney, do general Junot, de Bourrienne e de Isabay, que chegaram a representarem no theatro de *Serville*. Em Lisboa, tratou cordalmente com a alta sociedade e com o corpo diplomatico, e procurou o Santo matrimonio: fexa-se o theatro de todo, excepto se Lodi poder cantar a sua aleya. A datada de Belem, aos 15 de Fevereiro, e assignada por Antonio de Araujo de Azevedo, ministro dos negocios estrangeiros, diz: — "Agradeço a V. Ex.º os parabens pela ultima resolução da Catalani, e he ao z do isso; assim V. Ex.º me deixasse alguns momentos para a ir ouvir; espero poder ir depois de amanhã a que a Catalani me escreve esta manha pedindo-me passageiro de Belem, aos 16 de Fevereiro diz: — "Segure-lhe (a S. A. R.) que não tenho estado ocioso um só instante, mas espero amanhã ouvir a Angelica, o que me parece mesmo politico, porque já se dizia na Cidade, que por cauza do ultimo corredo que chegara de França, eu e o sr. visconde de Anadia tinhamos sido chamados a toda a preza (sic) a Salvaterra. Um papel sem assignatura diz: — "Remetto a copia da credencial do Embaixador. Devo participar a V. Ex.º que a Catalani me escreveu esta manha pedindo-me passageiro para partir para Italia, dizendo que não pôde ficar aqui visto não se saber se existirá ou não o Theatro. Não diga V. Ex.º nada ao Padre João para evitar algum desmaio. O Embaixador de França já sabia que ella se queria ir embora, e me disse grajeando que era preciso evitar esta desgraça, e que, se fosse preciso, elle até protestava não reclamar o Marido da Catalani, se o prendessem para a angilização, porque era provavel que tenha feito a farça de casar n'uma das suas viagens. O Embaixador disse-me que a Catalani era muito apaixonada de Musica, e Naldi já foi cantar a sua casa. Mande cham Lodi para vêr se tempo todo, porque na verdade he preciso que o Theatro não caia, e que o Padre João não tenha desmaios. Creemos referir-se aqui ao Padre João, afilhado e amigo do Principe Regente desde a mocidade, e que, junto com os guardaroupas Lobatos e o seu secretario particular José Egidio, compartilhava do vaimento do principe.

A Catalani voltou com certo fausto em Lisboa. Teve tipoa sua, porque o *Correio Mercantil* de 3 de Novembro de 1801 annunciou a venda de uma carruagem inglesa na casa de Joaquim José de Souza Bahiana, no largo do Quintella, onde se poderia examinar e, depois, falar ao seu dono, Agostinho Catalani, morador no mesmo largo. De facto, a Catalani morou com a familia no terceiro andar do largo do Quintella, que tornou para a rua do Alcazim. Em Lisboa, deixou esta cantadeira gratissimas saudades, não só pela perfeição technica do seu canto doce, mas pelos seus dotes senhoris. E tantas foram ellas, e tanto persistiram no veio tradicional, que o poeta Costa e Silva ainda em 1845 recordava a intensa alegria esthetica, que a sua voz angelical lhe proporcionara, (15) e que Lopes de Mendonça ainda escrevia da Catalani em 1803: — "Eu, em nome da arte, lamentava mais a sua desaparicação do que a fugida de D. João VI para o Brazil, porque as dramaticas dos reis não acabam, e as d'artistas não se transmitem nem se transformam, *ni par droit de naissance, ni par droit de conqueste*. (16)

A Catalani seguiu o seu estadío triumphal, veiu a Paris em 1811 com os alliados, afim de participar da gloria commum do vencimento, tornou ahi na segunda restauração, e passou depois por toda a Europa a sua coroa sideral, primeira estrelada da rampa. O seu modo de cantar, de dar voz, de sublinhar a gesto do seu braco perfeito, o prestigio da sua formosura vibratil, e a sensibilidade hyperesthetica da sua elegancia. Em 1828, retirou-se, de todo, para a sua linda casa de campo nos arredores de Florença — a villa Catalani. Méry, que a visitou em 1835, descreveu a brilhantemente n'um artigo intitulado *Um domingo na villa Catalani*, publicado na *Revista de Paris* em 1835. Catalani, que nunca perdeu o gosto pela musica, entreteve-se com concertos familiares, nos quaes tocou a parte de piano. Madame Duviollet, que dos mais bellos contraltos da Italia, e a pianista Madame Gaetano Murat, filha de Mr. de Méneval, o amigo de Napoleão I. Estando em Paris em 1849, ahi falleceu victima da peste. Dias antes de morrer, tivera a visita de uma dama rebuçada, que não quiz declinar o nome ao creado. Mas, apenas chegou á beira da Catalani, disse: — "Venho prestar homenagem á mais celebre cantora do nosso tempo e á mais nobre das mulheres. Abenoal-me, senhora, sou Jenny Lind! Catalani, commovidamente até ás lagrimas, apertou por muito tempo ao coração essa

digna rival, está extraordinariamente cantatriz a quem chamaram — o rouxinol sueco

A Catalani conservou-se fiel ao seu odio a Napoleão. Não fez como a Grassini, que, depois do seu dilecto imperador ter soffido a derrota de Waterloo, se bandou com o inimigo, passando a cantar em casa de Lord Castlereagh e na presença de Lord Wellington embaasacado.

A Catalani ficou uma d'essas figuras coroadas de uma tremula aureola poetica, que se impregnam de melancolias cada vez mais tocantes, á medida que se encolham na penumbra das cidades, como um espectro entristido ao cair da tarde nas alas tenebrosas de um parque antigo se vae envolvendo, paulatinamente, n'uma bruma de tristezas, á medida que se afasta de nós...

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

- (1) C. I. Roders. *Portugiesisk Resa*, Stockholm, 1807, vol. II, pag. 21.
- (2) Torre do Tombo. Intendencia Geral de Policia. *Aleios e Portarias*, Mço. 4.
- (3) Duquesa de Abrantes. *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal de 1808 à 1811*, vol. II, pag. 301.
- (4) Féix. *Biographie universelle des musiciens*, vol. II, pag. 211.
- (5) *Gazette de la Grande-Bretagne* de 15 de Dezembro de 1806.
- (6) *Idem* de 28 de Julho de 1807.
- (7) Soudo. *Angélica Catalani*, arquivado na *Revue des Deux-Mondes*, 1849, vol. IV, pag. 149.
- (8) *Poesias de José Maria da Costa e Silva*, tomo II, pag. 68.
- (9) Duquesa de Abrantes. *Souvenirs d'une ambassade*, etc., pag. 314.
- (10) Duquesa de Abrantes. *Memorias*, vol. V, pag. 429 e 430.
- (11) F. da Fonseca Benevides. *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, pag. 67.
- (12) Arquivo do ministerio da Justiça. *Correspondência com o conde de Villa-Verde*, 1805, Mço 93.
- (13) Artigo de Soudo já citado.
- (14) Joseph Tarquan. *La générale Junot, duchesse de Abrantes*, pag. 358.
- (15) *Poesias de José Maria da Costa e Silva*, tomo III, pag. 192.
- (16) Folhetim da *Revolução de Setembro* de 15 de Outubro de 1803.



D. Amélia

A Casa Bonardon

Os theatros de Lisboa tem sido esta epocha, por assim dizer, alimentados com *reprises* de peças, algumas d'ellas já conhecidas e apreciadas por mais de uma geração. Dir-se-ia que tem estado a ferias a musa nacional do theatro, sendo bem possível que esteja recolhida para se expandir em breve com desuado vigor e accentuado brilho.

N'estas circumstancias, tem de ser pobre de assumpto e falha de materia a pagina que o *Brasil-Portugal* destina á chronica dos theatros. Podia quem firma estas linhas aproveitar o ensejo e seguir os processos do antigo e experimentado critico Oscar May, que quando não tem combatiu proprio para deitar na fôrnhala da sua semana *theatral*, não deixa por isso de a preencher com os mais variados assumptos critico-theatraes, que vão, pôde dizer-se, desde a proficiente preleção sobre temperamentos de artistas e processos de arte até á quasi supplica dirigida ao conselho de arte dramatica para que, simultaneamente com a reforma do theatro normal apresente um codigo de theatros.

Com a orientação que desde o principio se lhe deu esta secção é mais restricta, e os assumptos de litteratura e arte destinados ás limitadas paginas da Revista por tal fórma se agglomeram sempre sobre a nossa mesa de trabalho, que se tornava difficil e até inconveniente qualquer desvio da orientação seguida.

Firmes portanto, como uma sentinella no nosso posto, resolutos como um dos mil de Garibaldi, dispostos ao *d'antes quebrar que torcer*, como qualquer descendente de Viriato, contristados pela mingua de assumptos, eis-nos solitarios e hirtos n'esta columna, sem materia prima para preparar, não diremos por modestia, este scocpie litterario, mas diremos sem hesitação, este prato quinzenal.

Pois se houve quinzena de theatro, misera e falha, foi esta primeira de abril. E só uma peça estrangeira, por signal primorosamente traduzida pelo sr. Lino d'Assumpção, *A casa Bonardon*, de G. Mitchell, teve uma vida de alguns dias no palco do D. Amélia, porque a companhia Rosas & Brazão, quando a peça foi posta em scena começava já a abrir a aza para voar para outras regiões. A bass da *Casa Bonardon* é uma thesa juridica, a fórma porque está lançada e desenvolvida é um poema de sentimento.

A ideia inicial foi o auctor bebel-a ao theatro de Corneille, ao *Heracle*, cujo assumpto é o mesmo. Mitchell, porem fez uma obra mais terna e mais humana, e ao sentimento, que é de todos os tempos, deu uma feição moderna, suggestiva, e por vezes em-polgante, como na admiravel scena do segundo acto entre a nora e o sogro.

Toda a ideia, toda a peça, e toda a doutrina que ella encerra, é evidentemente uma obra de sentimento. Marianna que atraiçou o marido, tem dois filhos. Fica viuva, e o sogro, que é rico, ama por igual os dois netos, e sabe que um d'elles é fructo de amor adul-terino. Qual o bastardo? E preciso que não passe para elle a fortuna, que pertence ao outro. Adquire por meios habeis a certeza e t'ahi a necessidade de uma separação. E forçoso que Marianna e Claudio se afastem, é forçoso que ao lado do avô se conserve Christianna, a sua netta legitima, a filha de seu filho, a herdeira do seu nome e dos seus haveres, accumulados á custa de um trabalho incessante e honrado. Vae pôr em pratica essa resolução tremenda, mas mais alto que o raciocinio fala o sentimento, o coração pôde mais que o cerebro, e a humanidade do velho vibra n'uma das suas cordas mais bellas: a ternura. A nora é a mais digna de todas as peccadoras, a mais soffridora de todas as esposas. Os mimos, os intermecos do avô, pagou-os sempre com sorrisos, bondades, e affectos, essa creança, que elle julgava filho do seu filho! A mãe que sabe a verdade, negou-se a confessal-a, por este natural sentimento materno que a não deixa condemnar para sempre com uma declaração aquelle que é filho tambem do seu amor e do seu sangue. Mas o velho arranca-lhe essa declaração, e tal é a scena culminante do drama. Aqui a logica do sentimento triumpho sobre a logica de todas as leis e de todos os codigos. Essa separação já se não pôde fazer, essa maldição lançada sobre o fructo de amor prohibido já não pôde ter logar. A mãe é digna do mais alto perdão, pelas duas creanças tem de ser repartido o mesmo amor, tem de ser partilhada a mesma ternura. Segue-se portanto a mais pacifica bonança á tempestade que começou a desencana-dear-se, volta ao lar a mesma paz e o mesmo carinho, vence o coração, no seu pleno dominio, toda a jurisprudencia, todas as convenções, todas as leis! Tal é a these, tal o problema, tal a solução.

Da esposa encarregou-se Rosa Damasceno, e não ha senão que render louvores á espiandia interpretação que elle deu a um papel difficil, tendo de vibrar notas de sentimento que, por não estar talvez na sua corda artistica, mais levam a critica a applaudir a arte que consegue transformar o temperamento, e simular a verdade á custa do talento, de observações, e de estudo. A scena com o sogro a que acima alludo, no segundo acto, é um pequenino, completo e vivo poema, da arte de representar.

Não menos encabroso era o papel que Brazão individualizou. Esse homem, o sogro, esse armador do Havre, tem de ser ao mesmo tempo brusco, rispido, amoroso e sentimental. Tem de condemnar com a severidade de um juiz, tem de perdoar com a bondade de um Christo. E' esta dualidade de sentimentos que Brazão reproduziu á maravilha, deixando sempre em toda a sua luz a individualidade complicada d'essa figura em que o auctor pôz á farta observação e sentimento.

Outro papel feio e estudado com impecavel consciencia e esmerada arte é o do guarda-livros Pargolier, no desempenho do qual poz João Rosa os seus grandes recursos de mestre na arte de representar.

São estes tres os grandes papeis de *A casa Bonardon* e a melho-res mãos não podiam ser entregues. Mas se eram de menos responsabilidade os restantes, nem porisso deixaria de ser injusticia não citar com louvor o trabalho de Carolina Falco, velha servical, de Augusto Antunes no notario, de Delfina Cruz, Judith, a filha e o filho de Marianna, de Pinheiro, Salles, e Elvira Santos, todos elles contribuindo para o brilho do desempenho da peça de Mitchell, que pena foi não se poder conservar mais tempo em scena.

Colyseu dos Recreios

Não ha contratempos, obstaculos, incidentes, que não vença uma empresa que tenha a consciencia da sua força, a confiança aos seus variados recursos, a sciencia do seu *métier*, e as sympathias do publico.

Todos esses contratempos assignallaram o começo da vida da companhia Lyrica italiana do Colyseu dos Recreios, e foram tantos, a começar na doença dos primeiros artistas da companhia, que seria fatidioso contal-os aqui. Pois isso venha a direcção habilissima que está á frente da nossa mais vasta casa de espectaculos, e por tal fórma triumphou eliminando quantos obstaculos se levantavam, que ahí temos em pleno exito a companhia, quasi todas as noites um espectáculo novo, em scena todas as operas de grande repertorio, na plateia, nos camarotes, e na penca, e a pouco de Lisboa, que se revolta, como se de entrar, elle ninguém quizesse ficar com o remorso de deixar de vêr e applaudir, por um preço relativamente diminuto, uma companhia Lyrica que em muitos es-pectaculos tem levado de vencida os de S. Carlos, sem necessidade de burlar o publico, sem exigencias impertinentes, e sem *tapage* ridicula.

Damos hoje os retratos de alguns dos melhores artistas da companhia italiana do Colyseu dos Recreios tendo á frente d'elles o de Antonio Santos, o seu habilissimo empresario.

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Oit.º Estevão Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 & 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Viktor, Lorjô Tavares
Editor—Luiz Antonio Sanchez
Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125
End. telegraphico—BRATUOGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno	36\$000	Anno	2\$400	Anno	7\$400
Numero avulso	2\$000	6 meses	1\$300	6 meses	4\$000
		3 meses	1\$500	Numero Avulso	8\$000
		Numero avulso	5\$00		

SUMMARY

TEXT

As irmãsinhas dos pobres. C. DE MOUÇA CABRAL
Jornada Sclima. — ARCHER DE LIMA.
Politica Internacional — CONSOLIERI PEDROSO.
A primeira infancia do Zizi — CAEL.
A passagem da ponte — (Conto militar) MAXIMILIANO DE AZEVEDO.
Homenagem brasileira a Lord Cochrane.
A companhia Lyrica do Colyseu dos Recreios.
A famosa cantora 'atalani' — PINHO DE CARVALHO (Tinop).
Theatros.

30 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «BRASIL-PORTUGAL».
Bom conselho.
A conversão da dívida externa portuguesa.
Canto contra a esperança — GOMES LEAL.
A varina — PINHEIRO CHAGAS.
Taumachia — E. D'A.
O Notícias.
O CEGO — Romance de PEREZ GALDÓS.

ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto
Villar d'Allen—Vinhos—Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
Dr. Abes Quintella—Porto.
Cela Baquet—Porto.
Maison Nouvelle—Lisboa.
Veado.
Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.
La Union y El Fenix Español—Lisboa.
Cunha & irmão, joalheiros—Lisboa.
Almanach illustrado Brasil Portugal, para 1902—Lisboa
J. Nunes Corrêa & C.º—Lisboa.
O Tiradentes—Porto.
Vinhos velhos legitimos do Porto.
Aguas de Carabaña—Lisboa.
Cesar A. Paiva, dentista—Lisboa.
Grandes Armazens Herminios—Porto.
Chapelaria da Moda—Lisboa.

Atelier d'Alfaiate A. Couto.
Agencia Financiac de Portugal—Rio de Janeiro.
Gilherme Silva—Lisboa.
Jão Ferreira — Porto.
Lemos & Filhos—Porto.
Banco do Minho—Braga.

NA CAPA

Garantia da Anafonia — Belem do Pará.
Brazil-Portugal — Lisboa.
A' Notre Dame de Paris — Rio de Janeiro.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Fogaça de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alameda, 4, sobrado.
PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primeiro de Março, n.º 74.
PARIA—J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 59.
MANAOS—Jayme & Camara—Livreria Classica—Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO—Leocício J. de Medeiros & C.º.
CEARA—A. Pereira Braga—Praça José Alencar 30.
BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 28.
PELOTAS—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MOZAMBEIRO—Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUEILIMANE—Henrique Jorge de S. Neves.
NENQUELLA—Mathews & Tavares.
LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Bivreira de Lourenço.
S. THOME—L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa—Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO.—Joaquim Caidas e Brito, Rua Pinto Bessa, 24.
EVORA.—(Agente geral em Evora e no Sul) Luiz Brito Correia, Rua da Mouraria, 27.
BETHA VENTIM—J. N. B. Carvalho.
PONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.º.
COIMBRA—José Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2-3.
CASTELLO BRANCO—Pedro Augusto Pessoa.
ABRANTES—Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
S. COBAÇA—José Narciso da Costa.
PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde LERIA—Miguel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
CORCHES—José Pereira Cabral.
TAVIRA—José Maria dos Santos.
FARO — Maya & Trigos.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 61.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o **Brasil-Portugal** os sr.ºs:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Port-gal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaquira, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARA.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andre- sen) — MANAOS.

Bom conselho

— Como tu está abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tão fransino!
— Coas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Molinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Provenem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

A CONVERSÃO DA DIVIDA EXTERNA PORTUGUEZA

¶ A carta de lei autorizando a conversão da divida externa portugueza, votada pelas Côrtes, sancionada pelo chefe do Estado, com voto do Conselho de Estado, é a seguinte:

Artigo 1.º.—E' o governo autorisado a converter a actual divida publica externa, de que trata a lei de 20 de maio de 1893, comprehendendo:

¶ O 3 por cento consolidado;

¶ O 4 por cento amortisavel, emissão de 1890;
O 4 o meio por cento amortisavel, emissão de 1888 e emissões de 1889, nos termos das bases annexas á presente lei e que da mesma lei ficam fazendo parte integrante.

§ unico. O governo dará conta ás côrtes do uso que fizer d'esta autorisacão.

Art. 2.º Fica revogada a legislaçãõ contraria a esta.

Bases que fazem parte integrante da presente lei

I

A divida publica externa, a que se refere o artigo 1.º da presente lei, será convertida em titulos do typo unico de juro de 3 por cento, amortisaveis em 198 semestres e formando tres séries:

1.ª Serie: correspondente ao 3 por cento, amortisavel pelo valor nominal dos novos titulos, o qual será o valor nominal actual reduzido a metade;

2.ª Serie: correspondente ao 4 por cento, amortisavel pelo valor nominal de novos titulos accrescido de 1/3, sendo esse valor nominal actual reduzido de 1/3, e pagando-se juro sómente sobre este valor nominal assim reduzido.

3.ª Serie: correspondente ao 4 e meio por cento amortisavel pelo valor nominal actual, e emitida nas condições seguintes:

a) em titulos com juro de 3 por cento, e de capital nominal correspondente a 3/4 do capital nominal actual;

b) em titulos especiaes, de capital nominal correspondente ao quarto restante do capital nominal actual, titulos sem juro e sem nenhuma outra vantagem especial, tendo a mesma numeração que os titulos de que trata a alinea anterior e amortisaveis conjuntamente com estes titulos.

§ 1.º A amortisacão dos titulos da 1.ª e 2.ª séries poderá ser feita por sorteio ou por compra no mercado, á escolha do governo.

§ 2.º A amortisacão dos titulos da 3.ª série será feita exclusivamente por sorteio, conforme as respectivas tabellas de amortisacão.

II

Para garantia do integral cumprimento dos encargos que resultam das disposições da base precedente, fica expressamente determinado o seguinte, que vigorará até completa amortisacão dos titulos que forem convertidos, nos termos da referida base.

1.º O Governo applicará especialmente e de preferencia ao serviço da divida externa, representada por aquellos titulos, os rendimentos aduaneiros do continente do reino, na Europa, exceptuando os dos tabacos e cereaes;

2.º Os thesoureiros das alfândegas entregarão todos os dias á Junta do Credito Publico quantia sufficiente para prefazer a tricesima parte, em ouro, do total necessario para os encargos annuaes (juro e amortisacão) da divida externa actual que for convertida, nos termos d'esta lei, e para as despesas do serviço da mesma divida;

3.º No caso em que as receitas aduaneiras de um dia sejam inferiores á quantia necessaria, o deficit será preenchido com as receitas do dia ou dias seguintes;

4.º Logo que no decurso de um semestre, a Junta do Credito Publico tiver recebido quantia

igual á metade, em ouro, da necessaria para o encargos annuaes (juro e amortisacão) da referida divida externa actual que for convertida, nos termos d'esta lei, e para as despesas do respectivo serviço, cessarão, n'esse semestre, quaisquer entregas dos thesoureiros das alfândegas á Junta do Credito Publico, recomencando só no semestre seguinte;

5.º Se por qualquer circumstancia imprevista as entregas feitas na Junta do Credito Publico durante qualquer semestre, não tiverem preenchido a metade da quantia total, em ouro, necessaria para os encargos annuaes da divida de que trata esta lei, o Governo preencherá o deficit pelas demais receitas e rendimentos do The-souro Portuguez;

6.º A Junta do Credito Publico deverá transferir todos os quinze dias, pelo menos, para os estabelecimentos encarregados do serviço da divida publica portugueza, em paizes estrangeiros, as quantias que vier em cofre, afim de que o annuncio do pagamento dos coupons se faça quinze dias antes dos seus respectivos vencimentos, e a amortisacão dos titulos seja effectuada pontualmente.

§ unico. Fica, porém, declarado, para todos os effeitos, que as disposições contidas n'esta base de modo algum affectarão ou poderão prejudicar a autonomia financeira, economica e administrativa da Nação Portugueza.

III

São mantidas, e vigorarão pelo mesmo periodo fixado na base anterior, as disposições dos decretos de 14 de agosto de 1893 e 8 de outubro de 1900, que regularam a constituição, funções e attribuições da actual Junta do Credito Publico.

IV

Em execução e para os effeitos da base I d'esta lei, cessarão, a datar de 1 de julho de 1900, inclusive, a participação da divida externa nos rendimentos aduaneiros e a eventual vantagem que pudesse resultar da diminuição do premio de ouro abaixo de 22 por cento, estabelecidas pelos §§ 1.º e 2.º do artigo 1.º da lei de 20 de maio de 1893.

VINHOS VILLAR D'ALLEN CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.

Rua 1.º de Março, 59—RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



V

Feita, em termos da presente lei, a definitiva regularização da dívida externa portuguesa, nenhuma vantagem poderá ser de futuro concedida aos títulos de qualquer das tres series, a que se refere a base I, que se não torne extensiva ás demais.

VI

Fica o Governo autorizado:

1.º A resgatar, por importância não superior a 10 por cento do seu valor nominal, os certificados emitidos como representação da parte do não paga dos quatro coupons vencidos no período decorrido desde a publicação do decreto de 13 de junho de 1892 até a publicação da lei de 20 de maio de 1893 (1 de julho e 1 de outubro de 1892, 1 de janeiro e 1 de abril de 1893), e a satisfazer a importância do sello dos novos títulos nas praças onde elles forem trocados;

2.º A fazer as demais despesas necessárias para effectuar a conversão nos termos d'estas bases não devendo, porém, exceder 1/5 por cento do valor nominal dos títulos a converter.

Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, em 12 de abril de 1902—*Fernando Mattoso dos Santos*.

CANTO CONTRA A ESPERANÇA

Houve, outr'ora, um palacio, hoje em ruinas, fundado n'uma rocha, á beira-mar...
d'onde se avistam lindas colinas,
e se ouve o vento nos pinhes prégar.
Houve, outr'ora, um palacio, hoje em ruinas...

Nesse triste palacio inhabitavel...
as janellas sem vidros, contra os ventos
batem de noite, em côro miseravel,
lembrando gritos, uivos e lamentos.
Nesse triste palacio inhabitavel...

Só resta uma varanda solitaria,
onde medra uma flor que bate o norte,
sacudida da chuva funeraria,
lavada d'um luar branco de morte.
Só resta uma varanda solitaria...

Como n'essa varanda apodrecida,
em mini'alma uma flor tambem vegeta,
inteira, humilde, lyrica, secreta.
Como n'essa varanda apodrecida...

Vae tu, ó minha dôr, a esse palacio!
e arranca a essa flor... Vae sem tardança!
como um guerreiro aaduz do velho Lazio
arranca-e calca-a aos pés—porque é a Esp'rança
Vae tu, ó minha dôr, a esse palacio!

GOMES LEAL.

PINHEIRO CHAGAS.

A VARINA

E' impossível que o observador sensato, quando vê á porta de uma escada uma varina a vender peixe e a descompor á creada que lhe vem fazer as compras, não diga consigo que é perfeitamente convencional o enthusiasmo pela plastica das varinas, e que a tradição d'aquelle prelado romano, que aqui esteve e que lá todos os dias vê-las correr no Aterro, prova apenas que não era ruim decontar este pratica de Raphael.

E, comtudo nada há mais justificado do que essa fama de belleza e de elegancia que as varinas possuem, mas o que é necessário é procural-as no seu meio, na sua atmosphera, na aldeia natal onde florescem, em plena terra, ao ar livre e não n'estas esufas das grandes cidades, onde degeneram, onde perdem as suas qualidades nativas, as suas côres fresquissimas, e até aquelle recato grave e delicado com que vão quando nos campos da Murtoa, a caminho do mar que agôite ao longe os areas da Torreira, o seu carro de bois, vagaroso e chindoso.

Conservam ainda em Lisboa um pouco da sua natural elegancia, porque o esforço muscular, que fazem para manter firme na cabeça a celha

de peixe, conserva-lhes o corpo desempenado, graciosa e bem ondulada a curva do seu bntos.

Mas, a ar empastado do bairro varino desbotalha as côres e murcha-lhes a frescura; a promiscuidade d'aquelle meio corrupto e corruptor parece que apaga no seu olhar a luz serena e fulgurante do sol sobre as suas terras accende nas suas pupillas; o seio firme torna aquelle peitor *nao grato* do verde limão de que falla Garrett; estorce-se-lhe a bocca e rouqueja-lhe a voz no uso frequente da linguagem da Angot; e aquellas finas estampas do Norte parece que se transformam n'umas lithographias grosseiras, como as que adornam os muros banhos dos boteguins.

Parecem-nos por exemplo na Murtoa e ali verho o que são essas gregas do Occidente com as suas farras esculturas, com a sua palidez morena, com o seu radioso olhar, em que se não reflecte aquella avidez baixa do preço da sardinha que avilta os olhos das suas irmãs da capital. A's vezes tambem tem as suas luctas e as suas coleras, e nas discussões asperas da divisão do peixe erguem-se de subito as impharias fulminantes. Mas não nos achamos em presença das Angots réies que vomitam injurias de bocca torcida; i o que temos deante de nós é uma Electra a fulminar Clytemnestra com as imprecações de Sophocles, soltando os cabellos, torcendo os braços, tragica, sublime ás vezes nas investigações da sua ira. O mar, que as educou, foi que lhes ensinou as suas coleras, como os pinheiros dos areas lhes ensinaram, em dias de temporal, as suas esbeltas attitudes. Não as desbotaram as emanções mephiticas do Aterro, ainda por ellas não roçou a aza poluida da prostituição lisboense, nem as fez escravas o contacto deprimentes dos sulões de baixa esphera. Flores gentilissimas da Murtoa, quem há de reconhecer-vos no lamaca da cidade? Tendão lá as romarias á beira-mar, os descantes á luz placida da lua nos campos ovalhados, as fontes limpidas e claras onde ides lavar o rosto nas manhas de S. João, o ar impregnado dos aromas da terra e das emanções salinas do mar, como podeis conservar essa natural gentileza n'este ambiente pestifero das ruas estreitas e immundas, com os descantes obscenos, a pandeja vil da taberna enfiada e quente? As vossas fontes das manhas de S. João são os marcos fontaneros da companhia, o luar que vêdes é o luar municipal dos lampiões, e as romarias os arraiais bulhentos e sordidos dos arredores.

A's vezes as varinas procriam na cidade, e nada mais triste do que essas creaturas bassidas na requieira das capites, que nem ao menos abram os olhos á luz do ceu amplo e sereno, os pulmões aos effluvios resinosos dos pinhas, e os ouvidos ao canto embaldador do Oceano. As varinas de Lisboa são como as laranjas em Paris, fructa de estufa, engelhada e sem sabor. Por isso, ao tal prelado estrangeiro que lá para o Aterro ver as peixeiras, todo o homem que prazza a vida portuguesa devia dizer:

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

—Monsenhor, laranjas em Setubal, varinas na Murtoa.

para o Brazil, onde fará uma *tournee* com os seus bandarilheiros Jorge Cadete e Manoel dos Santos, e mais dois peões que ainda não estão contractados. Para as primeiras corridas em que estes artistas entrarão trã de Portugal uma primeira remessa d'uns 30 touros pertencentes a S. M. El-Rei, José Palla Blanco, Emilio Infante, D. Caetano de Bragança, António Roquette e Antonio José da Silva.

Crêmos que Fernando contractará tambem o espada sevillano *Chicuelo*.

Emfim, podemos asseverar que no Brazil nunca houve touradas como as que esta empresa pensa promover, pois que até hoje o que os nossos irmãos brazileiros vislham um pouco do reflexo do que seja o verdadeiro toureiro montado e a pé.

Em 20 de abril a Empresa Bathala deu a 4.ª corrida com o concurso do espada *Algabeo*, tendo confiado o torneio a cavallo ao mestre do toureiro montado Fernando d'Oliveira e a Casimiro.

Ambos estes artistas cumpriram bem o seu mandato, com especialidade o primeiro, que conta as ovações pelas tardes em que trabalha.

Pena foi que dos toiros de Emilio Infante só quatro sahisses bravos, o que deluziu um tanto o trabalho dos bandarilheiros, que eram Theodoro, Cadete, Torres, Thomaz Rocha, *Blanco, Sevillano e Atomé*, estes tres ultimos da *cuadilla* do espada.

Algabeo defendeu-se com o trapo, e em bandarilhas escapou sem se tornar muito saliente, e os forçados pegaram os *infantes*, cobrando as pancadas do estylo.

Para o domingo seguinte, 27 de abril, annunciaram-se toiros de Estevão d'Oliveira, lidados pelas *cuadrillas* de *Lagarito Chico* e *Machiquito*, os dois espadas cordobezes que estão tanto em voga em Hespanha, onde tem grande cartel.

A chuva torrencial que fez obrigou a Empresa a transferir a tourada para 29, realizando-se n'este dia com uma concorrência menor por ser um dia de semana.

Os toiros de Estevão sahiram uns *molestos* e malos, e só o ultimo é que marcou mais e melhor; se não fôra a boa vontade e os esforços dos espadas a corrida redundaria n'um completo *fiasco*.

Lagarito toureou com finura e o aprumo que é peculiar aos bons toureiros, sérios e correctos.

Machiquito é mais vistoso, tem muita valentia, mas não tão sereno, no entanto portou-se excellentemente, a soltar passes de *muleta* sentado no estribo da carreira e de joelhos no *redondel*.

Fez successo. A lide a cavallo é que não agradou e note-se que a desempenharam José Bento e Simões Serra, mas quando os toiros não são bravos e os cavallos fogem, o resultado é sempre mau.

Os bandarilheiros portuguezes que entraram na festa estiveram infernaes.

Abriremos uma honrosa excepção a favor de Jorge Cadete, que bandarillhou com a finura, elegancia e acerto do costume.

A gente hespanhola é que se portou bizarramente, tirando o maior partido possivel dos ordinarios toiros d'Alcocete.

Emquanto aos forçados segue a musica com a mesma desaffinação. Aquillo é coisa que mais dia menos dia tem que acabar.

E. d'A.

O NOTICIAS

Vae apparecer em breve, no PAR, um novo diario de grande formato, com este titulo. Sahe de manhã e diz-se imparcial. E' impresso em machina Marinoni e só seu proprietario os sr. Bahia & C.º e director o sr. Alcides Bahia. Terá um serviço telegraphico do paiz e do estrangeiro e uma grande collaboração dos Estados Unidos, da Republica, da Europa e da America do Norte. O seu primeiro folhetim será o *Marquez de Pombal*, romance de Antonio de Campos Junior.

O preço da assignatura é de 20000 réis por semestre na capital, de 25000 réis no interior, e 40000 réis no estrangeiro.

Desajamos ao novo jornal parense as maiores prosperidades.

Os «Lusiadas» manuscritos

Está aberta uma nova subscrição, em condições as mais vantajosas, e inteiramente originárias entre nós, para a collecção da formosíssima edição autographica dos *Lusiadas*.

Como os nossos leitores devem estar lembrados, esta edição foi, talvez, a mais tocante homenagem com que entre nós foi celebrado o quarto centenário do descobrimento da Índia; e foi, de certo, o testemunho mais perdurável, que d'essa gloriosa commemoração nos ficou.

Os *Lusiadas*, com as suas 1114 oitavas, manuscritas pelas maiores notabilidades portuguezas e brazileiras nossas contemporâneas, constituem um padrão verdadeiramente excepcional, de carinho patriótico pela obra mais relevante e mais esplendente da nossa litteratura. Nunca, em nenhum outro povo do mundo, foi realisada uma empreza de ordem litteraria, comparavel a esta.

Possuir este livro, tel-o em logar d'honra, fofalco e percorrer o muito vez, é dever de todas as pessoas illustradas, e é o complemento natural da homenagem civica que, com elle, ao grande lyrico se prestou.

Para as 1114 pessoas notaveis e de importancia, que n'esta edição collaboram com os seus manuscritos, e para as familias d'aquelles que já não existam, — pois a marcha inexoravel do tempo em poucos annos tem feito desaparecer um grande numero dos que, pelo seu punho, escreveram e assignaram as estancias do poema, — esta obra deve ser considerada e respeitada como uma reliquia de familia, como um pergaminho de nobreza intellectual, que, pelos tempos fóra, relembre e perpetue os seus nomes.

O sr. Silvestre Castanhêro, proprietario e cozinheiro editor d'este livro monumental, desejando tornar accessivel a sua acquisição a todas as bolsas, sem nenhum sacrificio immediato, acaba de abrir uma assignatura, a credito, mediante a qual a obra é fornecida completa, e immediatamente, aos novos subscriptores, apenas com o diminuto encargo de uma pequena mensalidade, que permite solver e importancia d'ella sem o minimo esforço.

É a primeira vez que entre nós um editor testamentaria por esta forma a sua confiança no publico, e bastaria esta consideração, quando não prevalescesse a da importancia excepcional da obra, para todos corresponderem a um convite e a um offerecimento feitos com tamanha amabilidade e em tão facis e moderadas condições.

Convém ainda lembrar que os exemplares restantes são em pequeno numero, e que, quem se não apressar a obtel-os agora, inscrevendo-se como assignante e recebendo a subscrição nos termos em que lhe é offerida, arrisca-se a não poder mais obtel-a, se guardar o desejo da sua acquisição para depois.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livro de LORJÓ TAVARES

XXI

Um novo mundo

«Esse navegante abriu os olhos do mundo para lhe mostrar outro mais bello. Com elle só posso comparar Theodoro Gólfina, e a Europa compare a sua com um cego para quem a America e as suas maravilhas foram a luz. Também eu descobri um Novo Mundo. Tu és a America. Tu és essa ilha deliciosa, onde o audacioso navegante primeiro desembarcou. A Colombo faltou vér o continente com os seus immensos bosques e rios. Também a mim faltará ainda vér talvez o melhor...»

— E cahia, em fundia mediação.

— Onde está a Nela? perguntou elle momentaneamente.

— Não sei o que a pobre rapariga tem, respondeu Florentina. Creio que não quer vér-te.

— É muito tímida, disse Paulo. Receia vir in-

commodar. Sou muito amigo d'ella, Florentina. Tu também serás sua amiga. Desejo ardentemente vê-la.

— Eu mesma irei buscar-a amanhã.

— Pois sim. Mas não quero que estejas por muito tempo ausente. Quando te não vejo estou tão só! Habitua-me a verte, e estes dias foram para mim seculos de felicidade... Não me roubes nem um minuto. Disse-me hontem meu pae que, depois de te conhecer, não deve haver curiosidade de conhecer outra mulher.

— Que loucura! disse Florentina corando. Ha outras muito mais... bonitas.

— Não! É impossivel! Dil-o toda a gente! exclamou Paulo com calor.

— E voltava o rosto para Florentina como se a atravessasse de vinda a estivesse vendo.

— Em outro tempo não lhe dava credito. Hoje, que tenho consciencia do mundo exterior e da belleza real, creio, sim, creio-o. Tu és o exemplar perfeito da formosura humana. Não pôde haver outro mais completo. Dá-me a tua mão.

— Estreitei nas suas as mãos de Florentina.

— Como eu me rio hoje, continuo elle, da minha antiga vaidade de cego, e das minhas pretensões de saber o que fosse o aspecto das coisas. Creio que não esqueceré nunca a impressão de assombro que me produziu a realidade... A realidade! Eu era um idiota, Florentina!

— Porque? Te su não vias... Vamos. Nada de exaltações. É tempo de descançar. Olha que o doutor recommendou-me que não fallasses muito.

— É necessario dormir.

— Se não te calas, vou me embora...

— É já noite?

— É.

— Que me importa? Seja noite ou seja dia, que elle te disse elle, inquieto, voltando-se no leito sobre que se deitára vestido. Só me calarei com uma condição... se ficares ao meu lado. E de vez em quando darás uma palmada na cama para eu saber que ainda aqui estás.

— Pois bem. Ficarei. E ahí vai já o primeiro signal de presença, disse ella, batendo com a mão no leito.

— Que te ouço ri, parece que respiro um ambiente fresco e perfumado, e todos os meus sentidos de outros tempos reproduzem-te sob varios aspectos. A recordação da tua imagem subsiste tão fundamente gravada na minha memoria, que te vejo mesmo através d'esta venda.

— Outra vez!

— Prohibo-te que falles. Se continuas, vou chamar o dr. Gólfina, disse Florentina, jovialmente.

— Não, não vás. Pois não vês que não posso guardar silencio! Se calasse tudo quanto penso e sinto e vejo aqui dentro de mim, maior seria o meu tormento... E queres que durma... Eu posso lá dormir, tendo-te dentro do cerebro nitidamente desenhada e endoicoendo-me! É indizível o que eu soffro e gozo. Não ha palavras para reprimir estas sensações. Passo as noites fallando contigo e com a Nela... Coitada! Sinto uma grande curiosidade de a vér...

— Descançar, que eu mesma irei procural-a amanhã. E agora ponto final na conversação. Silencio, ou deixo-te!

— Fica, peço-te. Fallarei contigo proprio. Vou recordar o que hontem te disse e o que me disseste...

— É?

— O que tu me disseste, ou o que eu julguei ouvir da tua bocca.

— E nem mais uma palavra.

Obedeço-te. Conversarei com a minha imaginação.

No dia seguinte Florentina, muito desconsolada, foi dizer-lhe o que se passára com Nela, que lhe fugira.

— Ingrata! disse ella com pena. E não a procuraste?

— Por onde? Fugiu e não tornei a vê-la.

Mas hei-de encontral-a ainda hoje de tarde.

— Não, disse Paulo vivamente.

Peço-te que não tornes a sahir, Nela apparecerá.

Pobresinha! parecia doída...

Disseste-lhe que já vejo?

— Não. A infeliz perdeu o juizo. Chamavame Virgem Santissima, e beijavame o vestido.

É natural isso, respondeu Paulo.

Produziste no seu espirito o mesmo que produz em todos. Nela é boa rapariga, coitada! É necessario protegel-a, não te parece?

— É uma ingrata, disse Florentina com tristeza.

— Não é. Neia não pode ser uma ingrata. Conheço-lhe o coração bem formado. É preciso que seja encontrada e que me a tragam...

— Vou eu...

— Não, tu não, atalhou Paulo, pegando-lhe na mão. A tua obrigação é fazer-me companhia.

Se o sr. doutor não vem immediatamente tirar esta venda, eu mesmo a tiro. Desde hontem que te não vejo, e não posso soffrer por mais tempo esta tortura.

— Já veio o doutor Gólfina?

— Não, mas não deve tardar. Está lá em baixo com teu... Tu não, o meu! Não sejas impaciente. Paresces um collegião!

— Luz! deem-me luz! bradou Paulo com grande exaltação. É uma grande crueldade conservarem-me por tantas horas ás escuras! Assim não se pode viver! Quero os meus olhos. Ainda hoje te não vi! Pois não comprehendes que posso endoicoecer se te não vejo? Oh! a realidade! Bem-dito seja o Deus que te creou, mulher feiticeira, conjuncto de todas as belezas...

Mas de que serviria a belleza sem corações para a comprehendem e a amarem? Luz! deem-me luz!

Nesse momento entrou Theodoro e levantou o apparelho. Só assim Paulo serenou, e o dia decorreu tranquillamente para elle. Fallou de varios assumptos e só de longe em longe fixou a attenção n'um ponto do seu passado, que parecia afastar-se, dimiuior e desvanecer-se, como mastreação do navio que em tarde calma se perde no horizonte. Só uma vez, no tom de quem recorda um acontecimento antigo, perguntou:

— E a Nela? Não tornou a apparecer?

Como lhe respondessem negativamente não tornou a fallar em tal.

Nessa noite, a horas mortas, ouviu rumor de vozes. Julgou que seriam as de Theodoro, de Florentina e do pae, e adormeceu socegradamente para sonhar com as imagens do que vira e com as phantasias da sua imaginação exaltada. Esses sonhos, serenos a principio, tornaram-se depois agitados por pezaedelos. Na sua alma como n'uma caverna onde a luz entrasse a torrente subitamente, lucravam o bello e o horrendo da vida, do passado, do futuro, do presente, entrando recordações velhas, e convisionando-lhe o espirito. No dia seguinte Gólfina consentiu que se levantasse e andasse por toda a casa.

XXI

Os olhos matam

O aposento de Florentina era o mais alegre da casa de Aldeacobra. Ficára sempre deshabitado desde que morrera a senhora de Penafiel. D. Francisca destinára-o a sobrinha e mandou-o preparar com certo luxo e elegancia, e essas desconhecidas no tempo da sua fallida mãe. A janella d'esse quarto olhava para o Sul e para a horta. Era um quarto alegre, sempre cheio de luz e de gorgeios de passaritos. Florentina em poucos dias imprimiu-lhe uma feição especial. A disposição sabia e artistica das coisas deixava adinhar quem n'ella dormia. A estrutura dos ninhos dá a conhecer as aves que os forjaram.

Se ha pessoas que de um palacio fazem um inferno, outras ha que convertem uma cabana em palacio, sem esforço — mettendo-se n'ella.

Nessa manhã o ceu appareceu nublado e tempestoso. Choveu torrencialmente.

Depois as nuvens perderam o aspecto carminado, e n'ellas desenhou-se o arco iriz, apoiado de-se nos cerros de Fieóbriga, para os lados do mar, e nas matas de Saldeoro.

No quarto estava Florentina, não enfadando perolas, ou bordando a flos de ouro, mas trabalhando um vestido por moldes de jorname. Ajoelhada no chão, a thesoira trabalhava sem descançar. Ao seu lado havia um montão de retalhos de fazendas, que n'essa manhã mandára comprar em Villamogada. E a thesoira, corta que cortava a fazendo mangas, saias e corpetes. Não serviam um modelo de elegancia, nem seriam regulares e artisticos os moldes, obra sua. Mas isso não a preoccupava. Os defeitos de corte attenuava-os a boa intenção.

— Oh! filha dissera-lhe o pae quando a viu dar principio ao seu trabalho. Parece que já não ha modistas no mundo! Ia uma menina de boa sociedade sentada no chão e de thesoira em punho! É ridiculo! Não gosto que trabalhes para te vestires, e muito meno para vestir os outros.

Para que servem servem as modistas, não me dirás?... para que servem as modistas, não me dirás!...

—Qualquer modista fazia isto melhor do que eu respondeu ella a rir. Mas n'esse caso não seria feito por mim. E precisamente o que eu desejo é fazê-lo pelas minhas próprias mãos.

O pae não respondeu e saiu, deixando-a só. Só, não pôde ao fundo da alcova, entre o leito e o guarda-roupa, havia um sofá, e sobre elle dois cobertores, onde se via, fundado em almofadadas, uma cabeça imóvel, de rosto pallido. Nela dormia. Aposara-se d'ella um lethargo inquieto, e, a cada momento scudiam-se sobresaltos bruscos.

Cerca do meio dia, porém, essa agitação diminuiu e entraram no quarto Theodoro e o irmão de D. Francisco.

Golfim accerrou-se do sofá, inclinou-se para a deoente e examinou-a em silencio. O somno é agora mais socegado, disse elle. Não façamos ruido.

—Que lhe parece minha filha, doutor? disse Manuel Penúlgas a rir. Não vê o que ella está fazendo? Ora, seja imparcial, e diga-me se não tenho razão para isto? Quando a minha filha não n'esse modo de fazer as coisas para que havemos de fazel-as? Que d'as suas pobres tudo quanto eu lhe dou para os seus afilnetes, vá. Mas esta mania de fazer por seus serviços grosseiros... serviços grosseiros...

Deixe-a lá, atalhou Golfim, contemplando Florentina, enternecido. Não dá um, sr. D. Manuel, tem a sua maneira de gastar dinheiro.

—Eu não me oppoño a que a sua caridade chegue até á baracota, respondeu elle, medindo o aposento a passos largos e magestosos.

Mas não haverá outro meio de exercer a caridade! Minha filha cumpre a sua promessa pela cura do primo... É justo que a cumpira. E' uma boa moçoiva evangelica. Mas vejamos... vejamos... E' detido... E' detido... E' detido... Nela para lhe lançar a esmola de um olhar. Pois não seria mais razoavel, proseguiu elle, que, em vez de trazer para casa esta pobre rapariga, ella organisasse uma d'essas utilissimas festas, como se faz na corte, e nas quaes a primeira sociedade tivesse o orgão principalmente nos prova os seus bellos sentimentos caridosos.

Porque não te lembraste de uma loteria?

Todos os nossos amigos passarão bilhetes e com facilidade se reuniria uma quantia respeitavel que podias destinar aos asylos de beneficencia. Porque não preferiste organizar uma associação com as primeiras personagens de Villaquida ou de Santa Irena de Camp? Logo arranjarão grandes espiantes. E uma novidade! Eu mesmo me encarregaria de arranjar o gado e os toureiros. E uma tourada por amadores? Ainda hontem falei com a D. Sophia a este respeito. E' uma senhora que podia servir-te de modelo. A ella devem os pobres, meu. Sabes lá qual é o numero de familias soccorridas pela administração das loterias? Olha que os pobres das hospitações não são os únicos pobres. Disse-me a D. Sophia que os bailes de mascarar este inverno, deram um dinheirão. Verdade seja que a maior parte foi para a empreza do gaz, para o aluguer do theatro, para os empregados... Mas para os pobres sempre ficou um pedaço de pão. E se não acreditás, minha rica, lê as estatísticas de Florentina não se a bom rir, e limitou-se a repetir-lhe a phrase de Theodoro:

—Cada um tem a sua maneira de gastar dinheiro.

—Dr., disse D. Manuel, meio formalizado, ha-de convir que não ha outra como minha filha.

—Effectivamente, respondeu Theodoro, com intenção, não ha outra como o pa. Pois apesar de todos os seus defectos, continuou elle, passando-lhe a mão sobre os cabellos, amo-a mais do que a mim proprio. Esta brejeira vale mais do que a que em ouro. Ora vejamos, Florentina: que das duas terras preferes tu? —Aldercorba de Suso, ou Santa Irena de Camp?

—Não desgosto de Aldercorba.

—Ah malditos! Bem te entendo... —Outra coisa. A esta hora está o meu irmão pregando um sermão ao filho. Assumpto de familia... de que alguma coisa ha de sair, creiam... Ora olhe para minha filha, doutor, e veja aquellas côres de rosas de maio... Vou falar ao Logico e saber noticias... saber noticias... Logo que elle sahia Theodoro accerrou-se de Nela.

—Dormiu durante a noite? perguntou elle.

—Pouco. Levou a noite a gemer e a chorar. Hoje ficará em outra cama, que mandei buscar

a Villamojada. Vou mandar armar o leito n'este quarto a lado do meu.

—Pobre Nela! murmurou Theodoro. Não imagina o interesse que me desperta esta infeliz creança. Os outros não comprehenderão isto, mas, que demonio! não não somos de pedra... O que fazemos por este pobre ser seja ao menos levado em conta do que deviamos fazer por tantos outros que soffrem. E ha tan os por esse motivo. Não os conheço! Onde estão! Espalhados por esses enormes desertos de sierras, pelas aldeias, pelos campos, pelas minas, pelas officinas. Depáram-se-nos a cada passo e não os vemos. Damos-lhes as esmolas e não os conhecemos. Quem fixa a attenção n'esses miseráveis? A principio julgavi que esta desgraçada fosse um caso excepcional, mas angeli-me; é um caso vulgar. Representa um exemplo do estado a que chegam tollos os seres moralmente organisados para o bem, para o saber, para a virtude e que pelo abandono a que foram votados, são impotenteados a desenvolverem as forças da sua alma. Vivem e morrem cegos de espiritos, como Paulo viveu cego dos olhos, tendo vista.

—Vê a! continuou Theodoro. Tu imaginas que viva e grande sensibilidade, sabe amar com ternura e com paixão, possui uma alma delicadissima, mas rodeiam-a mil superstições grosseiras, as suas ideias religiosas são vagas, monstruosas e erradas, e a moral é para ella uma palavra vã... a sua educação limita-se ao que por si só aprende. Não é como tu, que tens a consciência fecunda com as suas proprias folhas secas. Nada deve aos outros. Durante a sua infancia nem uma lição, nem um conselho, nada. Cria-se por exemplos vagos que segue ao acaso. O critério que a dirige é seu, só seu. Como tem phantasia ardente e sensibilidade, como a sua alma naturalmente propende para adorar alguma coisa, adora a natureza da infancia e dos povos primitivos. Os seus ideias são naturalistas... Se me não entende, minha boa Florentina, deixarei a explicação para outro dia...

O espirito de Nela dá a forma e a belleza uma preferencia systematica. Todo o seu ser e todos os seus sentimentos gravitam em torno d'esta ideia. As preeminencias e os altos dotes de espirito, que a natureza dá a infancia e aos povos primitivos, um mundo quasi desconhecido, de que só chegam noticias vagas trazidas por algum naufrago. A grande conquista evangelica, uma das mais gloriosas do espirito humano, mal chegou aos seus ouvidos. Forma de tudo isto uma ideia confusa como a que os povos asiaticos teem do adiantamento do tempo. Se me não percebe deixarei a explicação para outro dia...

—Mas esta creança está destinada a fazer grandes progressos e não tardará que se colloque ao nosso nivel. Illumine-se aquelle espirito e percorrerá a passos agigantados os seculos. Enterrada na ignorancia, nada vê. De-se-lhe luz e caminhará. Essa luz ninguem lhe deu até hoje. Paulo, que nunca soube o que fosse a realidade, contribuiu involuntariamente para augmentar os seus erros.

Para o espirito d'esta infeliz não era esse idealista exagerado e treluscado o melhor mestre. Nós ensinaremos a verdade a esta pobre rapariga, exemplar resuscitado de seculos que foram. Sabêr-o é que é a alma humana. Pela natureza, não me entende bem, em outra occasião me explicarei melhor...

Florentina ouviu attentamente este arrazoado, pronunciado por Theodoro no seu estylo original, e cuja moralidade vagamente comprehendia. Ia responder e apresentar as observações que o thema lhe suggeria, mas n'esse momento Nela acordou. Os olhos da enferma percorreram receiosos e com timidez a alcova, depois fixaram-se no medico e em Florentina.

—Causamos-te muito? perguntou esta ultima com meiguice.

—Não, não, balbuciou ella. Medo, não. A senhora é muito boa. O sr. D. Theodoro tambem...

—Não gostas de estar aqui? Que receias tu?

—Muita franqueza, disse Golfim pegando-lhe nas mãos. De quem gostas tu mais, d'ella ou de mim?

Nela não respondeu. Florentina e Theodoro sorriram-se, mas ella conservava-se taciturna.

—Ora ouve, pequena, proseguiu o medico; tens de optar por um de nós. Florentina fica aqui. Eu vou-me embora. Decide-te. Qual escolhes?

Nela olhou ora para Theodoro, ora para Florentina, mas nada disse. Por fim o seu olhar deteve-se no rosto do medico.

—Quer-me parecer que sou eu o preferido. —Uma injustiça, sabes? Olha que ella vai ficar amuada!

A deoente esboçou um sorriso, e, estendendo a mão para Florentina, murmurou:

—Não me queira mal!

—Ao pronunciar estas palavras, fez-se livida. Ergueu a cabeça, abriu os olhos desmesuradamente, e applicou o ouvido. E' que sentira um ruido terrivel de passos que se approximavam.

—E' elle, repetiu Florentina, correndo para a porta.

Era elle effectivamente. Paulo havia aberto a porta, e avancava devagar, em linha recta, pelo habito adormido durante a sua longa cegueira. O seu rosto era prazentoso e risonho. Os seus olhos, livres da venda, que elle sempre levantava, olhavam a direito. Não estando ainda familiarizado com os movimentos de rotação dos olhos, mal podia distinguir as imagens lateraes. Succedia-lhe o que succede a muitos com boa vista e que só vêem o que lhes põem na frente.

—Primo, disse elle, encaminhando-se para ella. Porquê a venda, que elle sempre levava? É necessario que eu venha ao teu encontro? Tu me disseste-me que estás fazendo excovas para os pobresinhos. Se foi por esse motivo, perdôo t'o.

Florentina não soube que responder. Era manifestava a sua contrariedade. Paulo não vira nem o doutor, nem Nella. Para o afastar do sofá, Florentina dirigiu-se para a janella, e, pegando em alguns rutilhos de gazenda, sentou-se a fingir do trabalhar. A sua figura esbelta destacava-se na luz do sol, que entrava a jorras no aposento. N'esse momento a sua belleza sedutora resplandecia como se fôra a personificação da propria luz. O cabelo em desordem e o vestido simples faziam sobressair a elegancia natural da mulher gentil, cujo porte cioso e modesto ia além de tudo quanto a arte pôde conceber.

—Primo, disse ella, enrugando ligeiramente os sobr'olhos, o doutor ainda não tinha dado autorisação para tirar a venda.

—Isso é mal feito! Dará depois essa autorisação, respondeu Paulo a rir. Não ha perigo. Sinto-me bem disposto. De resto, se me succeder algum mal, não me importo. Que m'importa cegar outra vez depois de te vêr?

—Não digas tollices! exclamou Florentina, em tom de censura.

—Estava tão só no meu quarto! Meu pae sahira, depois de me falar a teu respeito... Sabes já de que se trata?

—Não, não sei eu nada, atalhou ella, baixando a cabeça.

—Pois sei-o eu... Meu pae é muito nosso amigo, Florentina. Apenas saiu, arranqui a venda e olhei para o campo. Que assombro me causou o arco iris! Fiquei mudo de admiração e de não sei que fervor religioso. Não sei porque motivo aquelle spectaculo sublime, até hoje desconhecido para mim, me deu uma ideia perfeita da harmonia do mundo... Também não sei porque, pensei em ti, quando contemplava todo aquelle conjunto lindo de côres. Ao ver a arco iris, lembrei-me de que já vi a virgula. E' que me produziu sensação equal á que senti ao vêr-te, Florentina da minha alma! Não me cabia o coração no peito. Tinha vontade de chorar... e chorei... e as lagrimas cegaram-me. Chamel por raios... Vi já muitas mulheres... São todas horríveis ao pé de ti. Custa-me até a crêr que existisses emquanto tuí cego. Cheguei a imaginar que nasceste no momento em que a luz nasceu para mim... Diziam-me que não havia outra mais formosa do que tu. Não o acreditava. Hoje crei-o, como creio na luz. E, dizendo isto, ajoelhou.

Toda sobresaltada e córada, Florentina esqueceu-se da costura.

Dr. Alves Quintella — R. de Gonçal Christovam, 314,

PORTO



Do mesmo autor:

LICOR DEPURATIVO VEGETAL IODADO DO DOUTOR QUINTELLA

Do conselho de S. Magestade D. Carlos 1.^o de Portugal, medico dos Hospitais de St.^a Antonio e de creações suas na Pia, do Porto.—Distincto no curso de Philosophia e Medicina, e premiado em varias exposições nacionais e estrangeiras.

Este depurativo aprovado pela Directoria Geral de Saude Publica dos Estados Unidos do Brasil (sob o n.^o 457) é o mais effizaz, até hoje conhecido, no tratamento das **doenças Syphiliticas, Escrofulozas, Rheumaticas, de Pelle,** e nas **Saturações mercurias.**

Enviem-se folhetos especiais, em que se encontram innumerous casos de curas devidamente authenticados no tratamento d'estas doencas, a quem os reclamar do Deposito Universal, R. Gonçalo Christovam 314—Porto (Portugal).

Estes preparados encontram-se á venda nas principais Pharmacias de Portugal e Brasil.

Deposito principal no RIO DE JANEIRO.—José Cesar de Mattos

45, Rua Sete de Setembro, 45

CASA BAQUET

GONÇALVES JUNIOR
ALFAYATE

Confecções para senhoras

153—Rua de Santo Antonio—157

PORTO

COUPEUR—ANTONIO AMORIM



MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quinta das escadilhas de Santa Justa

WEAADO

ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

GABINETE HYDROTHERAPICO
do Dr. Mauperrin Santos

Mette: 1. 41 avista | J. Mauperrin Santos

Mette: 1. 41 avista | J. Silvestre d'Almeida

Instal. do hydrotherapico completa; dusa sala de a 100° para honoras e senhoras, inteiramente a. de gas e independentes; gabinete annexo d'hydrotherapico e massage. Massagem e gymnastica. d'hydrotherapico. Massagem e gymnastica. d'hydrotherapico. Massagem e gymnastica.

Horas das 8 h. 11 de manhã e das 3 h. 5 de tarde

ENTRADA: GALVADA DO DUQUE, 20 GALVADA DA GLORIA, 10 LISBOA

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 reis

15.000.000.000

De dividendos pagos desde 1884 até 1898

PREMIOS E RESERVAS 5.932.000.000

Seguros contra incendio, sequeho de gas ou radio

Equateur Atlantique & Union Maritime

Companhia Francaza contra os riscos maritimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

Directores—Lima Mare & Filhos

LISBOA—Rua da Prata, 59, 2.^oCunha & Irmão
JOALHEIROSObjectos de fino gosto
em ouro, joias e pratas

199, RUA AUREA, 201

LISBOA

BRASIL PORTUGAL

Almanach Illustrado
para 1903

Desde já se recebem annuncios para este almanach nos escriptorios do Brasil Portugal.

Rua do S. Roque, 125, 4.^o—LISBOA

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.^a

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua do S. Julião, 120, 152, 154 e 156—LISBOA

Proprietários se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. —Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a sua qualidade, perfeição e modicidade de preço.

O TIRADENTES

Romance Historico Brasileiro em 2 volumes
de 550 paginas cada um

POR

JOSÉ AGOSTINHO



E' posto á venda, por estes dias, nas principaes livrarias do Brasil o 1.º volume d'este grandioso romance historico, em que se descreve em traços frisantes, a conjuração mineira, destacando-se o immortal patriota Tiradentes. Romance baseado n'um plano tão amplo que, a proposito do grande movimento de Minas põe em foco a gestação da Revolução Franceza, approximando-se da grande figura de Voltaire os estudantes do Brazil que em França aqueceram ainda mais o seu ideal sagrado; e é fecundo em lances, em desenhos de nobres figuras como o Marquez de Pombal, Jefferson e outros e faz um descriptivo intenso da grande natureza americana. A acção historica é sempre amenisada, por uma forma viva, reservando para o fim de cada volume, as notas da respectiva documentação muito solida e proficiente.

Livraria Editora de Antonio Figueirinhas — PORTO



**VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO**

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

Sahe brevemente

O ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL-PORTUGAL

para 1903

com capa a côres e grandes surpresas artisticas



CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA

DE
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
11. do Arsenal, 100. L.
LISBOA

**HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS**

PORTO Rua de St. Antonio
Rua 54 da Bandeira, 39

Estabelecimento dentro do mesmo prédio.
Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneres do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis

CHAPELARIA DA MODA
DE
JOÃO ALVES DA COSTA
32, Rua Garrett, 34 - (Chiado)
LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets para homem e creança, nacionaes e estrangeiros, em seda, feltro e palha.
chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinas de MONDARIZ

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO GOUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alccrim, 111, 1.º — LISBOA



Agencia Financial

DE
PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Suques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos conce-lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS

GUILHERME SILVA

Camisa* ceronlas,
gravat*, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovaes em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE
Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhau,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das, Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resulta-dos seguros e rapidos no tratamento das doenças aci-ma indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asyls e dispensarios, nota-veis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 38300 réis; caixa de 12 frascos, 69200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.^a classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

BANCO DO MINHO

SÉDE EM BRAGA

Fundado no anno de 1864

Endereço telegraphico-MINHO

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agencia em Lisboa—BANCO LISBOA & AÇORES

Effectua todas as operações bancarias

Correspondentes em todas as cidades, villas e logares importantes de Portugal, Hespanha, Italia, Londres, Paris, Hamburgo, Monteviden e Buenos-Ayres

AGENTES NO BRASIL

Rio de Janeiro—Sampaio Oliveira & C.^a, R. do Gene-ral Camara, 13
S. Paulo—Garcia Nogueira & C.^a
Santos—Ferreira de Souza & C.^a
Bahia—Banco Commercial da Bahia
Pernambuco—Luiz Duprat
Rio Grande do Sul—Campos Moraes & C.^a
Pará—Banco do Pará.

SUB-AGENCIAS, EM LOCALIDADES

DE SECUNDARIA IMPORTANCIA